

# DIÁRIO DE UM POLICIAL



Michell Mendonça



Uma nova abordagem revoluciona silenciosamente o ser e o fazer da segurança pública no estado do Ceará, que é a reflexão sobre a missão das instituições que lhe compõem sob o viés da produção científica. A Série “Segurança Pública, Direito e Justiça Brasileira” emerge para sinalizar esta revolução cultural que entremeia todas as categorias e níveis hierárquicos no âmbito da Segurança Pública. Esta obra possibilita que o conhecimento produzido na busca de soluções para os problemas cotidianos que afetam a sociedade seja compartilhado. Desse modo, as coletâneas de artigos publicados visam a reinvenção organizacional, a avaliação de estratégias, inovação, aplicação de novas tecnologias, a reflexão da ética e deontologia profissional, a formação profissional e a educação continuada, a governança corporativa e tudo mais que possa afetar a gestão da segurança pública. Diante deste novo cenário esta série pretende estimular o livre pensar e convida a todos a debaterem e refletirem, sob o viés da ciência, “Segurança Pública, Direito e Justiça Brasileira”.

### Apoio Cultural:



# **DIÁRIO DE UM POLICIAL**



# **Série** **Segurança Pública** **Direito e Justiça Brasileira**

## **Diretores da série**

---

Prof. Dr. Estanislau Ferreira Bié  
Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior  
Prof. Francisco José R. Abreu

## **Comitê Científico**

---

Dra. Cícera Nunes  
**Universidade Regional do Cariri-URCA**

Dra. Dawn Duke  
**University Tennessee/ EUA**

Dr. Estanislau Ferreira Bié  
**Universidade Federal do Ceará-UFBA**

Dr. Jectan Vital de Oliveira  
**Universidade de Coimbra - UC**

Dr. Henrique Cunha Júnior  
**Universidade Federal do Ceará-UFBA**

Dra. Maria Sílvia Bacila  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná-UTFPR**

Dr. Ricardo Rodrigues Catanho de Sena  
**Universidade Estadual do Ceará - UECE**

# **DIÁRIO DE UM POLICIAL**

**(CONTOS POLICIAIS)**

**MICHELL MENDONÇA**



**Editora Via Dourada**

Fortaleza - Ceará

2025

**Diagramação:** Estanislau Ferreira Bié

**Edição e Revisão:** Magali Moura

**Fotografia:** Matheus Góes

**Capa:** Estanislau Ferreira Bié



Todos os livros publicados pela Editora Via Dourada estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**

## Série Segurança pública, direito e justiça brasileira - 16

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Catalogação elaborada por F. Jose R. Abreu CRB 3/1725**

---

MENDONÇA, Michell Teles. (Autor)

Diário de um policial [recurso físico] / Michell Teles Mendonça (Autor) -- Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2025.

197p.

ISBN - 978-65-89622-97-0

Disponível em: <http://www.editoraviadourada.org>

1. Diário policial; 2. Militar; 3. Conto; 4. Literatura brasileira. I. Título. II. Série

CDD B869

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira                      B869

# SUMÁRIO

<b>SOBRE O AUTOR</b>	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO DA SÉRIE</b>	<b>11</b>
<b>SINOPSE</b>	<b>15</b>
DIÁRIO DE UM POLICIAL CONTOS POLICIAIS	
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>17</b>
O CORPO	
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>29</b>
INFÂNCIA EM URUBURETAM	
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>33</b>
JOÃO TÔCA	
<b>CAPÍTULO 4</b>	<b>37</b>
A BOTIJA	
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>45</b>

## **POLÍCIA MILITAR NA MINHA VIDA**

### **CAPÍTULO 6 49**

**CIDADE FANTASMA**

### **CAPÍTULO 7 63**

**TERROR NO SERTÃO**

### **CAPÍTULO 8 75**

**TIA CARMELITA**

### **CAPÍTULO 9 89**

**LINO PERNA FINA E MULHER SEM ROSTO**



## **SOBRE O AUTOR**



**Michell Teles Mendonça**

O DIÁRIO DE UM POLICIAL é um compilado de contos que se imbrica à universalidade dos dilemas e vivências de um policial em qualquer grande cidade do mundo. O autor nos convida a passear por um telurismo de Miguel Torga e por uma urbanicidade que nos faz lembrar Carlos Cony. Esses grandes nomes da Literatura podem ser notados ao longo da sua leitura na obra de Michell.

O telurismo da obra é mostrado nas paisagens ora tão verdes, ora tão secas de um solo nordestino ou de um sertão qualquer do Brasil. Dentre isso, revelam-se paisagens, lugares e cantos que trazem os causos contados, as crenças religiosas e a misticidade de um povo muito conectado ao espiritual. Nascem assim também uma linguagem única, que nos surpreende por sair do senso comum da linguagem policial e vai além quando nos conectamos às dores, aos sonhos e aos amores dos personagens, unindo-nos numa só voz.



# APRESENTAÇÃO DA SÉRIE

Estanislau Ferreira Bié<sup>1</sup>



2º TEN QOAPM Estanislau Ferreira Bié  
Cavaleiro das Forças de Paz do Brasil

Uma nova abordagem revolucionária silenciosamente o ser e o fazer da segurança pública no estado do Ceará, que é a reflexão sobre a missão das instituições que lhe compõem sob o viés da produção científica. A Série “Segurança Pública, Direito e Justiça Brasileira” emerge para sinalizar esta revolução cultural que entremeia todas as categorias e níveis hierárquicos no âmbito da Segurança Pública Estadual. Esta obra possibilita que o conhecimento produzido na busca de soluções para os problemas cotidianos que afetam a sociedade sejam com-

<sup>1</sup> Cavaleiro das Forças de Paz do Brasil (ABFIP/ONU); Pós-doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade da Bahia - UFBA; Doutor e Mestre em Ciências da educação pela UNISAL; Especialista em Policiamento comunitário pela UFC; Segurança pública pela FATE; Ciências política sociedade e governo pela UVA/UNIPACE; Ciências da educação; pela FACULDADE EVOLUÇÃO; História e cultura afro-brasileira e indígena pela FATE; Bacharel em Teologia pelo UNINTA; Bacharel em Serviço Social pelo UNIBTA; Licenciatura em Ciências da religião pelo UNINTA; Licenciatura em História pelo UNINTA e Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade KURIOS. Aprovado no concurso para Soldado de Fileira da Polícia Militar do Ceará - PMCE, no ano de 1989. Atualmente ocupa o posto de 2º Tenente QOAPMCE, lotado na 2ª CPG/ALECE. Atua como professor na Academia Estadual de Segurança Pública do Ceará - AESP/CE, Editor da Editora Via Dourada, Diretor da Série Segurança pública direito e justiça brasileira. Publicou mais de 100 livros em diferentes áreas de conhecimento, como autor/coautor e/ ou organizador.

partilhados. Parte dessa produção é fruto da lida acadêmica, mas outra parte advém da busca que policiais e bombeiros militares, policiais civis e peritos forenses, policiais penais e operadores do direito, dentre outros profissionais de encontrar meios de expressarem os dilemas do cotidiano e contribuir para o aperfeiçoamento das suas instituições e, encontraram na metodologia e no rigor científico a chave para dialogar com a sociedade.

Desse modo, as coletâneas de artigos publicados visam a reinvenção organizacional, a avaliação de estratégias, inovação, aplicação de novas tecnologias, a reflexão da ética e deontologia profissional, a formação profissional e a educação continuada, a governança corporativa e tudo mais que possa afetar a gestão da segurança pública. Diante deste novo cenário esta série pretende estimular o livre pensar e convida a todos a debaterem e refletirem, sob o viés da ciência, “Segurança Pública, Direito e Justiça Brasileira”.

# APRESENTAÇÃO

Magali Moura

O DIÁRIO DE UM POLICIAL é um compilado de contos que se imbrica à universalidade dos dilemas e vivências de um policial em qualquer grande cidade do mundo. O autor nos convida a passear por um telurismo de Miguel Torga e por uma urbanicidade que nos faz lembrar Carlos Cony. Esses grandes nomes da Literatura podem ser notados ao longo da sua leitura na obra de Michell.

O telurismo da obra é mostrado nas paisagens ora tão verdes, ora tão secas de um solo nordestino ou de um sertão qualquer do Brasil. Dentre isso, revelam-se paisagens, lugares e cantos que trazem os causos contados, as crenças religiosas e a misticidade de um povo muito conectado ao espiritual. Nasce assim também uma linguagem única, que nos surpreende por sair do senso comum da linguagem policial e vai além quando nos conectamos às dores, aos sonhos e aos amores dos personagens, unindo-nos numa só voz.

Além disso, os temas ultrapassam a voz de um narrador, que ora conta os dramas da violência e uma urbanicidade universal, ora mergulha nos rincões de

um Brasil tão rico e tão poético, visto que uma cultura oral também tem a sua grandeza na personificação tão realista dos personagens. À medida que você lê, parece que algum daqueles personagens eram nossos vizinhos, amigos ou conhecidos- tamanha verossimilhança trazida pelo autor.

A leitura desta obra vai fazer você pedir o volume 2 ou a continuidade das histórias já contadas, como diz Miguel Torga: **“Mas a vida é uma coisa imensa, que não cabe numa teoria, num poema, num dogma, nem mesmo no desespero inteiro dum homem”**. Apreciem a obra sem moderação! Do campo à cidade, há um entrelaçar de vidas que vai te surpreender. Por fim, **“Vivo como posso, e posso muito porque tenho ideias”**, Carlos Heitor Cony, que venham os novos volumes, uma nova obra ou uma ampliação desta. Vida longa ao autor!

# SINOPSE

## DIÁRIO DE UM POLICIAL CONTOS POLICIAIS

Diário de um policial é uma série de contos que narra a história do Sargento Mendonça. Este é um personagem fictício, representante de milhares de policiais militares que arriscam suas vidas na missão de proteger a sociedade.

O Livro, assim como na vida real, retrata a imensa variação de sentimentos no dia a dia dos policiais brasileiros: drama, terror, comédia e muita ação.

Você, com certeza, deve se perguntar: o que os policiais conversam durante o serviço em uma viatura?

No “**Diário de um policial**”, você terá a oportunidade de saber um pouco desses diálogos que, às vezes, se tornam verdadeiras lendas dentro de nossas Unidades, porém, infelizmente nem tudo é lenda.

Alguns contos são baseados em ocorrências reais, mas, por motivos óbvios, iremos mudar nomes e detalhes dessas situações. Venha sorrir, chorar, vibrar, surpreender-se e também arrepiar-se com as aventuras do nosso guerreiro Sargento Mendonça.





# CAPÍTULO 1

## O CORPO

Às 4h da manhã, o despertador toca, estava na hora de levantar para ir trabalhar. Cedo, né? É, mas poderia ser ainda pior. Não acordei ainda mais cedo, porque fiz a barba e organizei o material de trabalho na noite passada. São vários os detalhes com o material, principalmente no fardamento. Nós não podemos esquecer nenhum item, porque pode gerar uma comunicação de um superior hierárquico e conseqüentemente em uma punição. Cinto de guarnição, limpeza da arma, munições, carregadores, lanterna, coturno, material de limpeza do armamento, gandola, calças, boina, apito, a placa com o nome de guerra, colete, caneta, etc. São tantos os detalhes que gastaria um capítulo inteiro para listar o material completo.

Antes de sair, fui dar um cheiro nas crianças, e como sempre, eu fiz o mesmo pedido a Deus: Senhor Jesus, traz-me de volta em segurança, eu não posso deixar minha família desamparada, o mundo é muito cruel. Eles sofreriam muito sem mim. São os dois maiores pesadelos de um policial: a arma falhar em uma ocorrência de tiroteio e a morte chegar, deixando os filhos largados no mundo. Pior que a vida de um ex-policial é a vida de filhos de po-

liciais mortos.

Cheguei no Quartel 30 minutos antes do horário, como sempre. Faço essa programação, pois não gosto de chegar atrasado. Em vários anos de polícia, nunca cheguei atrasado. Costume adquirido durante o recrutamento com os “acochos” do Capitão Campelo, meu monitor no Curso de Formação de Soldado. O homem era “Caxias” ao extremo. Lembro que durante o meu recrutamento, ele chegou atrasado para dar instrução para meu pelotão, ele mesmo se comunicou no livro da Guarda, porque ele tinha chegado atrasado. Achei bem estranho no dia, mas depois entendi a mensagem dele: se eu cobro, é minha obrigação ser coerente nas minhas ações, devo ser, no mínimo, igual ao perfil que exijo dos meus subordinados. Essa foi uma lição que trago desde então, só cobro o que eu pratico, por isso ando sempre dentro da retidão para ter moral de cobrar.

Voltando à história... Eu reuni minha equipe para verificar o equipamento. É importantíssima essa prevenção, precisamos do equipamento em condições de uso para qualquer situação. A limpeza do armamento é fundamental para o nosso serviço, nunca se sabe se naquele dia será tranquilo ou não. Como a nossa equipe é de Força Tática, precisamos estar preparados, porque outras composições dependem do nosso apoio. A principal missão de equipes Táticas é apoiar em ocorrências mais complexas, e é por isso a importância da manutenção e limpeza das armas no começo do serviço. Equipamento verificado, o próximo passo é a verificação da nossa via-

---

tura: óleo, freios, água do radiador, pneus, novos arranhões, mecânica, etc.

Assim como as nossas armas, a viatura é algo que temos que averiguar de forma minuciosa. É a função do motorista, porém toda a equipe ajuda para evitar problemas durante possíveis perseguições policiais.

Ufa! Acabamos! Agora vamos fazer um lanche na Tia Carmelita. Uma senhora maravilhosa, que tem uma vendinha de café, onde compramos nossos lanches. São dois motivos as nossas visitas diárias: o lanche é mais barato e a ajuda ao trabalho dela. Ela é viúva e, com o pequeno comércio, sustenta os pais idosos e o filho ca-deirante. Guardem esse nome: “Tia Carmelita”. Depois trago mais informações dessa triste história.

– **Tia, traz quatro pães com ovos e quatro cafezinhos, por favor!**

– **Pode deixar, meus filhos – Respondeu à Tia Carmelita.**

Mas antes do café chegar à mesa, a Central manda uma ocorrência. Um possível achado de cadáver na Comunidade das Latas. Essas ocorrências de achado de cadáver são geralmente enviadas para as equipes de Força Tática, porque não sabemos se os elementos ainda estão no local ou se é uma ocorrência falsa para fazer emboscadas para as composições, entre outros motivos.

Era uma terça-feira. O dia do acerto de contas dos “patrões” com os traficantes menores inadimplentes. É isso mesmo que você está lendo. Para você que não é do ramo, vou explicar: os “patrões” do tráfico têm suas pró-

prias leis, e uma delas, é matar os traficantes menores que não pagam seus “boletos”. Eles têm o final de semana para vender e prestar contas até a segunda à noite. Não fez o pagamento até a noite de segunda, é “decretado”. (Termo usado por eles quando um “patrão” manda matar alguém).

Eu falei para minha equipe:

– **Vamos lá, pessoal, depois a gente toma café.**

**Deve ser mais um acerto de contas entre os traficantes da área.**

Falei isso, mas, no fundo, eu sabia que seria mais um dia sem tomar café e sem almoçar. Geralmente é isso que acontece quando atendemos esse tipo de ocorrência.

– **Tia Carmelita, nós vamos atender uma ocorrência, mas assim que der, voltaremos para tomar café. O dinheiro está aqui na mesa.**

– **Deus acompanhe vocês, meus filhos!**

Pagamos a conta, mesmo sem tomar o café.

Entramos na viatura e fomos atender a ocorrência enviada pela Central. A Comunidade das Latas é bem pequena e bem desassistida pelas autoridades. São três ruas apenas. Sem saneamento básico, sem escolas, sem posto de saúde e sem sonhos de dias melhores para seus sobreviventes (moradores).

Aproximando-se do local da ocorrência, nós vimos uma multidão. Eu acho que quase todos os moradores estavam concentrados em frente ao chafariz público esperando a nossa chegada. Paramos a viatura perto da multidão.

---

Caminhei até aos curiosos, antes, mandei o meu motorista ficar desembarcado perto da viatura para tomar conta do nosso material. É uma grande responsabilidade, devemos ter todo o cuidado do mundo, porque não queremos responder a um IPM (Inquérito Policial Militar) - caso venhamos a perder algum material de nossa responsabilidade. Além da dor de cabeça de responder um procedimento, ainda tem o problema de perder uma promoção, pois é isso que acontece caso um policial esteja respondendo um inquérito durante o período de promoção.

Perguntei ao povo:

– **O que realmente aconteceu aqui?**

Uma senhora pulou da cadeira que estava sentada, tomando uma garapa de açúcar e disse:

– **Seu Policial, tem um corpo dentro desse matagal de trás do chafariz.**

Olhei para o matagal e tinha uma estrada bem estreita, logo imaginei: deve ser esse caminho. Isolamos a entrada da estrada e pedimos que a multidão recuasse a fim de dar mais espaço para a nossa composição trabalhar.

Outra situação poderia acontecer: será que os executores “assassinos” realmente saíram? Será que eles ainda estão no matagal? O policial deve sempre pensar no pior, não pode ser pego de surpresa. Isso tem um preço alto, pois viver em tensão 24h por dia, até dormindo, é bem prejudicial.

Você já dirigiu em um trânsito absurdo? Você sai des-

truído, com dores nos ombros, devido à tensão. É assim a nossa vida: “dores nos ombros dia e noite”. Devemos sempre pensar em um possível confronto. E, se acontecer, quanto menos civis por perto da ocorrência, menor a probabilidade de termos inocentes alvejados por “balas perdidas”. Temos nos ombros toda essa responsabilidade. Isso “agrega” ainda mais tensão da profissão.

Posicionei a composição em uma coluna e começamos a progressão nos matos, procurando o corpo e preocupados com possíveis emboscadas. Assumi a ponta dianteira da fração, por conhecer um pouco melhor a região. Andamos por três quilômetros, porém não tivemos sucesso nas buscas à vítima do homicídio. Voltamos para a concentração no intuito de pedir reforço aéreo e continuar as buscas.

Saímos do matagal e encontramos todos apreensivos, logo ficaram decepcionados, porque não viram nenhum corpo com a gente. Fui até a viatura para pedir à Central que acionasse o helicóptero da Polícia, mas nosso rádio não funcionava naquele povoado. Tivemos que percorrer oito quilômetros até conseguir sinal para um contato com a Central. Além do apoio aéreo, a Central acionou mais duas viaturas, dentre elas, uma composição do canil. Um cão treinado ajudaria muito nas buscas.

O apoio não demorou muito. Cerca de 50 minutos depois da solicitação, eles vieram. Após a chegada dos reforços, fizemos o planejamento para a entrada no matagal. Dividimos o efetivo em duas patrulhas. Em linhas para evitar o “fogo amigo”, caso houvesse confronto. En-

quanto isso, o helicóptero sobrevoava a área em busca do corpo e dos assassinos.

Já passava das 15h e nada de encontrarmos o corpo. Nem com a presença do cão especialista nesse tipo de ocorrência, não conseguimos achar o defunto. Então, resolvi recolher as composições para o local de partida, ou seja, no chafariz público e tentar montar o quebra-cabeça. Mais uma vez, notamos os rostos frustrados da população quando voltamos sem nenhum corpo e ninguém preso.

**– Pessoal, infelizmente não achamos nada, nem com ajuda do nosso cão farejador e do helicóptero. Então, me respondam: quem acionou a polícia?**

Logo uma senhora falou:

**– Foi a minha vizinha, seu “polícia”. Foi a Dona Cosma.**

**– A Senhora pode chamá-la para mim, por favor?**

**– Posso sim, seu “polícia”.**

Em seguida, a senhora fofoqueira deu um grito:

**– Cooooooooosma, chega aqui, comadre. O seu “polícia” quer falar com você.**

De repente vem uma senhora cercada de seis crianças. Eram seus netos que sua filha mais nova tinha abandonado.

**– Oi! Seu “polícia”, o que o senhor quer comigo?**

**– Foi a senhora quem ligou para a polícia, dizendo que tinham achado um corpo? – Sim, Senhor, seu “polícia”.**

– **E onde está esse corpo? Mobilizamos três composições, cães farejadores. Até o helicóptero da polícia, mas não achamos o morto.**

– **Na verdade, senhor, eu não achei o falecido. Foi o Everaldinho Júnior, filho da D. Esmeralda quem achou o defunto.**

– **Eu estava lavando roupa no chafariz quando ele passou aos berros: socorro, socorro, um corpo, um corpo. Ele passou por mim tão rápido, parecia uma bala. Eu fiquei toda me tremendo de medo, e resolvi ligar para vocês.**

Eu coloquei a D. Cosma e os seus seis netos na viatura e os levei até a casa desse menino que encontrou o corpo. O menino morava na última rua, e logo da esquina a D. Cosma identificou a criança, e disse:

– **Lá está o danado. É aquele menino da barriga grande, que está sem camisa e com o nariz escorrendo, cheio de catarro.**

O menino, quando viu as nossas viaturas chegando, correu para dentro de casa. Eu nunca tinha visto uma criança tão veloz. Mesmo com aquela barriga grande, típica de criança com verminose, ele pulou a cerca de sua casa, sem utilizar as mãos, tamanho foi o medo dele quando viu todo aquele movimento de policiais, chegando no seu terreiro. Logo saiu a mãe da criança para nos recepcionar.

Eu perguntei:

– **A senhora é a mãe do Everaldinho Júnior?**

**Ela respondeu com a voz trêmula:**



---

– **Sim, Senhor! O que a peste desse menino fez dessa vez?**

A mulher não me deixou nem responder e gritou:

– **Everaldinho, “fi de uma égua”, o que você fez, sua peste? Venha aqui agora!**

A Criança estava escondida debaixo de uma cama e já saiu chorando e dizendo:

– **Mãe, eu não fiz nada!**

A senhora estava com uma tampa de uma panela nas mãos, e “sapecou” na cabeça do menino e berrou:

– **Eu num já te falei que não fizesse “arte”, sua peste.**

Eu falei:

– **Calma! Calma, Senhora! A criança não fez nada. Estou aqui para saber do corpo que ele achou.**

A mãe da criança arregalou os olhos e falou:

– **E foi ele quem achou o defunto que todo mundo do vilarejo está falando?**

– **Menino, diz logo para o policial onde você viu esse corpo.**

Antes de a criança responder, ela deu outra chibata-da no menino e disse:

– **“Fi de uma égua”, eu já te falei que não quero ver você andando por esses matos.**

O menino aos prantos e, com o nariz escorrendo, falou:

– **Mas mãe, eu não sei de “côpo” nenhum.**

Eu não entendi o que ele disse e perguntei para a mãe dele o que ele tinha respondido.

Ela traduziu:

– **Moço, ele disse que não sabe de corpo nenhum. O senhor não entendeu, porque ele é fanho.**

Logo eu fui ficando puto. Chamei a senhora que estava na viatura com os seis netos.

– **A Senhora disse para mim que o Everaldinho tinha encontrado o corpo. Ele disse que não sabe de corpo nenhum. Conte essa história direito, por favor.**

Ela começou a ficar nervosa também e disse:

– **Seu “polícia”, eu estava lavando roupa no chariz, quando a peste desse menino saiu de dentro dos matos berrando: “socorro, socorro, um corpo, um corpo”...**

A mãe do menino ficou furiosa, porque a mulher tinha chamado o seu filho de peste e começou a puxar os cabelos da senhora. Levamos quase dez minutos para separar a briga das duas. Quando elas se acalmaram, o sol já estava se pondo. Eu estava morrendo de dor de cabeça, pois não tinha nem tomado café da manhã ainda, muito menos almoçado.

Peguei a criança pelo braço e disse:

– **Menino conte essa história direito e não minta, senão o bicho-papão vai te pegar a noite.**

O Everaldinho com os olhos cheios de lágrimas e se tremendo de medo, começou a contar sua versão da história.

– **“Pilicial”, eu fui “cagar” nos matos, porque minha mãe estava cagando no banheiro daqui de casa.**

A mãe do menino ficou “p” da vida:

---

– **Pula essa parte, “fi de uma égua”.**

Eu me segurei para não rir, resolvi pensar na fome que eu estava para não rir da história do menino.

– **“Tá”bem, mamãe... Aí, “Pilicial”, quando o cocô começou a sair, eu olhei para trás, tinha o “pôco” bem “gandão” querendo comer meu cocô. Eu saí correndo pedindo socorro por causa do “pôco”.**

Eu perguntei para mãe do menino:

– **O que diabo é “pôco”? Ela respondeu “p” da vida, pensando estar caçoando do filho dela:**

– **Seu Policial, eu já lhe disse que meu filho tem um problema. Ele é fanho. O “pôco” que ele diz, é um PORCO que queria comer a merda dele. O senhor nunca “cagou” nos matos não?! Os porcos não podem ver a gente cagando que correm para comer nossa bosta, às vezes, mal dá tempo de a bosta sair do “fiofó”.**

Eu comecei a entender a história. O menino foi fazer suas necessidades fisiológicas no mato, aí o porco viu e quis comer as fezes do menino. Aquele, assustado, gritou por socorro, mas como tem problema de dicção, não disse porco, disse “pôco”. A mulher entendeu corpo, aí fez toda essa confusão.

Eu não sabia se eu ria ou se chorava, ou matava a peste do menino, ou a fofoqueira, ou os dois. O pior de tudo foi tentar explicar para a Central toda essa confusão. Eu liguei para o oficial responsável. Quanto mais eu contava, mais este passava mal de rir. Eu só escutava os soluços dele pelo telefone. Um tempo depois, eu o encontrei em uma solenidade, que me confessou que urinou na farda de tanto rir naquele dia.



# CAPÍTULO 2

## INFÂNCIA EM URUBURETAMA

Desculpem-me! Eu comecei a contar as minhas experiências sem me apresentar. Peço mil desculpas pela indelicadeza. Agora vou contar um pouco sobre a minha vida e fazer a devida apresentação.

Meu nome é Mendonça Júnior, em homenagem ao meu querido pai, Sr. Mendonça. Sou Sargento da Polícia Militar. Sou militar há mais de vinte anos. Nasci na cidade de Uruburetama, no interior do Ceará.

Você deve achar estranho o nome da minha cidade natal, mas significa isso que está pensando mesmo, o nome faz referência aos urubus. “Uruburetama” é uma palavra tupi que significa “terra dos urubus”. Por causa dessa origem, sofri muito bullying, mas isso é uma outra história.

Nossa família era bem numerosa. Éramos oito irmãos, meu pai e minha querida e guerreira mãe, que se chama Dona Zelita. A nossa casa era feita de Pau a pique, também conhecido como taipa de mão, taipa de sopapo e taipa de sebo. É uma técnica construtiva antiga e vernácula (artesanal com uso de materiais locais), que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarra-

das entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transforma-se em parede.

Vai lá ao Wikipédia com mais detalhes desse tipo de moradia que você vai ver. Resumido: era bem precária. Tínhamos apenas uma cama, onde dormiam meu pai, minha mãe e meus irmãos menores. O restante se virava nas palhas de feijão seco.

Trabalhávamos na roça, nas plantações de banana. Ah! Eu me esqueci de falar: Uruburetama é conhecida como a terra da banana. Aos domingos, íamos para a feira, em cima de um jumento, levando os surrões (sacos grandes feitos de palhas) lotados de bananas para vendermos. Com o apurado, comprávamos farinha, arroz e feijão.

Minha mãe fazia um “capitãozinho” (feijão e farinha amassados nas mãos). Era delicioso. Digo isso hoje, mas a época, não conseguia nem ver essa mistura, de tanto comer a mesma coisa. Às vezes, a gente ganhava de um vizinho, um franguinho, mas só em dia de festa, geralmente no Natal ou na sexta-feira santa.

Apesar do sofrimento, tenho saudades desse tempo, mas há uma coisa que eu não tenho nenhum pouco de saudade: as visagens (assombrações). Eu não sei o que tinha de tão ruim naquela casa, que atraía tanta assombração. Aliás, não só a casa, mas toda a região. São tantas histórias, que dariam uns três livros.

Vou compartilhar algumas dessas experiências paranormais com vocês por todo o nosso livro. Preparados?! Então senta que lá vem à história!





# CAPÍTULO 3

## JOÃO TÔCA

Nós tínhamos um vizinho chamado “João Tôca”. Era um senhor bem “cabuloso”. Ele era corcunda e não tinha nariz. Até hoje não sabemos o motivo pelo qual ele não tinha nariz, deveria ser uma doença de pele. Não sei, só sei que ele era horrível. Ele morava sozinho e não falava com ninguém. Sua casa era tipo a casa da “Bruxa do 71”, do seriado “Chaves”. Ninguém tinha coragem de entrar.

O povo falava que o João Tôca virava lobisOMEM e que ele comia os animais quando se transformava. Meu pavor por ele aumentou ainda mais após saber dessas histórias. Quando eu o via na rua ou na estrada, eu voltava correndo para casa.

Em um dia bastante chuvoso, estávamos sentados ouvindo meu pai contando histórias de assombração. Era umas 18h, o sol já tinha ido embora, e, com o tempo chuvoso, ficou ainda mais escuro. O que clareava um pouco, era a luz bem fraquinha da lamparina velha. Eu era bem medroso. Quando o meu pai começava a contar as histórias, eu grudava na saia da minha mãe. Nesse dia não foi diferente. A chuva aumentou, estava bem escuro e frio. Comíamos um saboroso Baião de dois, nas vasi-

lhas de Manteigas. Estava bacana, até meu pai pedir para eu ir buscar uma caneca d'água no pote, pois ele estava entalado com o baião.

O pote ficava perto da janela. Eu fui morrendo de medo de aparecer alguma alma na cozinha. Entretanto, algo pior que alma estaria por vir. Eu olhava para todos os lados da casa. A impressão era que tinha alguém me observando. Quando eu olhei para a janela... lá estava o João Tôca olhando para mim. Eu fiquei paralisado, não consegui gritar e nem correr. Ele estava todo molhado, com o chapéu na cabeça e ainda mais feio. Eu desmaiei de tanto medo.

Minha mãe ouviu o barulho da minha queda e correu para ver o que tinha acontecido. Quando ela chegou na cozinha, ainda deu tempo de ver o João Tôca saindo. Ela gritou pedindo socorro. Meu pai veio correndo com um facão na mão. Não sei quem estava mais pálido, se era eu ou minha mãe. Meu Pai saiu na chuva atrás do João, mas ele tinha desaparecido.

Minha irmã Marlene me deu uma garapa de açúcar até que eu melhorei, mas o medo era absurdo ainda. Para mim, aquele demônio ia pular pela aquela janela a qualquer momento e me pegar. Meu pai fechou as portas e as janelas, mas não funcionou muito, porque a nossa casa era feita de pau a pique, como narrei anteriormente. Esse tipo de construção deixa várias frestas nas paredes.

Com os clarões dos relâmpagos, víamos tudo que estava acontecendo lá fora. As horas foram se passando, e o medo aumentando, pois ficava mais perto da meia-noite.

---

Segundo a lenda, é o horário que os lobisomens se transformam. Não sei se era meia-noite ainda, mas era bem tarde, quando vários barulhos estranhos começaram lá fora.

Era uma mistura de cachorros latindo, de jumento rinchando, de chocalhos, de pisadas, de gritos... foi assustador! Meus irmãos e eu começamos a chorar. Estávamos apavorados. Meu pai, coitado, estava com mais medo que a gente.

A situação piorou quando algo ou alguém começou a bater e arranhar a nossa janela. A mesma janela que o João Tôca tinha aparecido mais cedo. A minha mãe teve a brilhante ideia de rezar um terço. Foi quando os barulhos pararam, mesmo assim ninguém conseguiu dormir naquela noite. De manhã, fomos lá fora ver o resultado.

Era uma bagunça que eu nunca tinha visto: madeiras, folhas, pássaros mortos, arranhões nas paredes e janelas. Algo inexplicável. Até hoje não sabemos o que realmente aconteceu, mas nada me convence que não tenha sido o João Tôca que tinha virado lobisomem e tentou invadir a nossa casinha.

Uma coincidência bem intrigante: o desaparecimento do João Tôca. Depois daquela noite, ninguém mais o viu. Ele abandonou sua tenebrosa casa e foi embora. Nunca mais voltamos a dormir com tranquilidade naquela casa. Vários outros fatos estranhos começaram a nos atormentar.



# CAPÍTULO 4

## A BOTIJA

Semanas depois, a minha mãe, D. Zelita teve um sonho, aliás, um pesadelo. Ela não nos contou. Acredito para não nos assustar, mas eu a ouvi contar tudo para o meu pai. Falou para ele que sentiu alguém passar a mão no pé dela durante a noite e, quando abriu os olhos, tinha uma mulher pálida, cabelos pretos e longos. De maneira assustadora, estava parada olhando para a minha mãe. Ela disse ao meu pai que não conseguiu gritar. Logo, a misteriosa mulher se aproximou de minha mãe e disse:

**– Tenho um presente para você. Vá até à cacimba durante a noite. Cave do lado direito do mamoeiro, aproximadamente 50 centímetros de profundidade. Lá estará um pote com várias joias que eu enterrei em vida. Mas vá só, não conte a ninguém.**

Depois disso a mulher desapareceu. A minha mãe falou que não sabia se tinha sido um pesadelo ou tinha sido verdade. Foi algo bem real para ser apenas um pesadelo. Fiquei bem assustado com aquela história. A Dona Zelita passou o dia bem estranha.

Às 11h, como de costume, meu pai reuniu a família para almoçar o nosso feijão com farinha. Como não tínhamos mesas, então todos sentavam no chão, com os

potes de manteigas que serviam de pratos.

Logo um casal bem esquisito apareceu em nosso terreno, batendo Palmas.

– **Ô de casa!**

Meu pai parou de comer sua farinha com feijão e saiu.

– **Pois não! Em que posso ajudar?**

– **Podemos conversar com o Senhor? – Disse o homem.**

– **Sim, entrem. Infelizmente não podemos oferecer almoço, hoje só conseguimos a conta certa de farinha – Lamentou papai.**

– **Não se preocupe. Nós já almoçamos.**

– **Vamos logo ao assunto?! – Apressou o Seu Mendonça.**

– **Sim, sim... viemos pedir sua permissão para acampar em seu terreno.**

– **Oxe! Por quê?!**

– **Não vamos mentir para o senhor. Eu sonhei com uma pessoa que me deu uma botija. Essa botija está em seu terreno, mais precisamente perto de seu cacimbão.**

Meu pai olhou assustado para minha mãe. A D. Zelita ficou pálida, parecia com o fantasma que apareceu para ela durante a noite.

Ele, mesmo assustado, conseguiu esconder do casal, o medo que sentiu.

O casal prometeu dividir a botija, caso os meus pais

---

permittedem que eles acampassem no nosso terreiro para extrair o tesouro.

Papai permitiu. O casal agradeceu e começou a montar sua barraca em nosso terreiro. Minha mãe, com o seu coração gigante, reuniu os filhos e pediu para que a gente fosse caçar nos matos para servir de jantar para os nossos convidados. Assim fomos. Pegamos nossas bala-deiras (estilingues) e dois arapuás (armadilhas de caça).

Sáimos de mato adentro para caçar. O resultado foi bom, pois conseguimos 3 preás (uma espécie de porco-do-mato) e duas rolinhas (um pássaro da nossa região).

Quando chegamos a casa com essas caças, a D Zelita encheu os olhos de lágrimas e disse:

**– A Mamãe está orgulhosa de vocês.**

Assim poderíamos oferecer aos nossos convidados uma farofa com proteína e feijão. Assim, colocou o resto da banha de porco em uma panela e lenha no fogão a lenha e fritou os animais que meus irmãos e eu trouxemos das matas.

Nesse meio tempo, meu pai e nossos convidados faziam uma fogueira em frente a nossa casa. Jantamos ao redor da fogueira. Foi uma festa, para gente parecia uma ceia de Natal.

Depois do jantar, os nossos visitantes começaram os preparativos para extrair a botija. Então, minha mãe resolveu contar o seu sonho para o casal.

**– Eu também sonhei com essa botija. Ontem à noite, recebi a visita de uma mulher pálida de cabe-**

**los longos que disse que o tesouro estaria perto do mamoeiro.**

**A nossa visitante disse:**

**– É a mesma senhora que me visitou e me deu a localização da botija também. Ela até citou seu nome, foi assim que nós encontramos a casa de vocês.**

Meus pais ficaram assustados, mas esperançosos de encontrarem o tesouro.

O casal resolveu chamar meus pais para extraírem a botija junto com eles. Eles aceitaram! Minha mãe colocou meus irmãos e eu para dormirmos, deixando a minha irmã mais velha, Marlene, na missão de tomar conta da gente.

“Como é que dorme?”. Eles deram as costas, nos levantamos e fomos espiar pelas frestas da parede de pau a pique de nossa casa.

A cacimba era bem próxima da nossa casinha, aproximadamente uns 30 a 50 metros, ou seja, conseguíamos observar tudo pelas frestas das paredes.

Eles começaram o ritual para extrair a botija. Fizeram orações. Rezaram por um bom tempo até que acontecimentos estranhos começaram. Uma ventania absurda, barulhos esquisitos e muita areia em cima deles. Algo incrível, nós não conseguimos identificar de onde vinha tanta areia. Ficamos bem assustados.

De repente a ventania parou, o homem pegou uma enxada e começou a cavar perto do mamoeiro. Ele pediu ajuda ao meu pai, que de imediato ajudou. Passaram uns cinco minutos cavando. Quando a ventania e areia volta-



ram, a mulher gritou:

– **Não parem de cavar. Fechem os olhos e cavem.**

A minha mãe e a mulher rezaram mais alto que podiam. Até que o homem falou:

– **Achei! Achei! É um baú.**

Eles tiraram essa caixa do buraco e trouxeram para frente de nossa casa. Quando eles chegaram lá em casa, nós já estávamos lá fora esperando. A D. Zelita estava tão ansiosa para ver o que tinha na botija, que não percebeu que ainda estávamos acordados naquele horário. Então aproveitamos para ver o tão aguardado momento: a abertura da botija.

A senhora tomou a iniciativa e começou a abertura da botija. Estava lacrada com argila, mas logo conseguiu abrir o baú. Quando ela levantou a tampa...

– **Estamos ricos!! – Gritou a mulher.**

Era realmente um tesouro. Dentro tinham vários objetos valiosos, como: cordões de ouro e prata, moedas de prata, brincos de ouro e uma boa quantidade de ouro em pó dentro de um saquinho vermelho.

Minha mãe não sabia se chorava, se sorria. Meu pai, coitado, tremia mais que Toyota em ponto morto. O casal visitante nem esperou amanhecer, propôs a divisão do tesouro de imediato. E assim o fizeram, dividiram em partes iguais, tomaram um café e foram embora ainda no escuro.

Papai pegou duas moedas de prata, subiu no nosso jumento e disse:

- **Nunca mais sentiremos fome na vida. Vou até**

**à cidade comprar comida. Quando voltar, decidimos nosso futuro.**

D. Zelita chorava muito, pois não iria mais ver seus filhos passando fome.

Umás três horas depois, meu pai voltava da cidade. De longe, avistamos os surrões em cima do lombo do pobre do jumento. Era tanto mantimento, tanta comida que jamais imaginei ver tudo isso junto na vida. Mamãe chorava, enquanto fazia o fogo no fogão a lenha.

**– Hoje teremos uma comida de verdade, meus filhos!**

Era pão, café, açúcar, manteiga, ovos, sardinha em lata, bolacha, rapadura, farinha, etc. Comemos muito bem, como nunca havíamos comido na vida.

Após saciar a fome, fizemos uma reunião familiar para decidirmos o nosso futuro. Concluímos que o melhor seria deixarmos o sertão em busca de uma educação de qualidade para mim e meus irmãos. Minha mãe foi até o centro de Uruburetama para ligar para minha tia Joana, que morava na Capital, Fortaleza, e pediu ajuda para organizar a nossa mudança.

**– Joana - minha irmã - conseguimos uma boa grana, queremos sua ajuda para conseguir uma boa casa perto da sua e uma boa escola para os nossos filhos.**

**– Que felicidade, Zelita! Vou agora mesmo organizar essa situação para vocês.**

O anjo chamado Tia Joana, que há muito tempo ajudava a nossa família, sem ela, nossa vida seria ainda

mais difícil, providenciou tudo para a gente. Em questão de semanas, estávamos morando em Fortaleza. Era uma casa boa para o nosso antigo padrão. Tinha água encanada, camas confortáveis, três quartos, sem frestas nas paredes, etc. Parecia um sonho!

Rapidamente estávamos matriculados em uma escola de verdade. Era uma escola pública. Apesar da boa quantidade de dinheiro que havíamos “herdado”, não era o suficiente para matricular e pagar uma escola cara para oito crianças. Contudo, a escola era muito boa. Meus pais realizaram um grande sonho: ver seus filhos alfabetizados.

Parte do dinheiro, meus pais aplicaram em um mercadinho onde todos os filhos trabalhavam em períodos alternados. Quem estudava de manhã ajudava na administração do comércio à tarde; e quem estudava à tarde, ajudava pela manhã. Assim, com união e muito trabalho, conseguimos manter nosso padrão de vida por muitos anos e meus pais viram seus filhos, além de alfabetizados, todos concluíram os estudos e se formaram em áreas diferentes.



# CAPÍTULO 5

## POLÍCIA MILITAR NA MINHA VIDA

Desde criança gostei muito de polícia. Lembro que, uma vez, nosso vizinho, não era o João Toca, era o outro vizinho, bateu em sua esposa. Chamaram a Polícia para prender o covarde. Eu assisti toda a confusão pela nossa janela. Fiquei fascinado com aquela viatura com a sirene ligada.

Eram bem frequentes as agressões que aquela pobre senhora sofria. Ficávamos bem revoltados, por isso fiquei vibrando quando o sargento abordou o safado que ainda tentou reagir, mas o braço do sargento era tão forte, que parecia a minha barriga, inchada de tantas verminoses.

Ele deu um bufete no “cabra safado”, caindo com o cu trancado no chão. Ô chibatada bem dada! Eu escutei a pancada lá de casa. Senti uma sensação estranha de alívio, pois não aguentava mais escutar os choros daquela senhora. O Patrulheiro do sargento pegou o covarde pelas calças e jogou no xadrez da viatura. Eu fiquei imaginando: é isso que vou ser quando eu crescer, um Policial.

Quando terminei meu ensino médio, coincidiu com o lançamento do edital da Polícia Militar do Ceará. Não pensei duas vezes, eu me inscrevi, mas não contei para os meus pais, que, com certeza, seriam contra. Afinal,

o nosso comércio estava indo muito bem, tínhamos um padrão de vida bom.

Fiz a prova escondido. Semanas depois saiu o resultado, eu tinha sido aprovado entre os primeiros colocados. Fiz todas as outras etapas em silêncio: exames médicos; testes físicos; entrevista, etc., mas a missão mais difícil seria contar para os meus pais.

Durante o jantar, depois que fechamos o comércio, eu reuni a nossa família para dar a notícia.

**– Família, tenho uma grande novidade. Passei no concurso da PM. O recrutamento começa na próxima semana.**

Minha mãe estava chupando um osso de galinha, ela se engasgou com a notícia. Meu pai gritou:

**– Chega, Marlene, traz o copo d’água que tua mãe está morrendo engasgada.**

D. Zelita logo melhorou do engasgo, mas começou a chorar por causa da notícia.

**– Meu filho, pelo amor de Deus, não vá. Essa profissão é perigosa demais.**

**– Mãe, é um sonho que eu tenho. Sempre quis ser policial!**

Meu pai, mesmo concordando com a mamãe, ficou do meu lado.

**– Deixa, Zelita. É o sonho do menino. Vá, meu filho! Que Deus te proteja nessa nova caminhada!**

A Dona Zelita chorava dia e noite, mas, no dia que eu estava arrumando as malas para me apresentar no Quartel, ela pediu para arrumar. Colocou tanta coisa nessa

mala, que não cabia mais nada. Até creme para assadura ela colocou.

Assim fui cumprir minha etapa, fiz o recrutamento. Foi pesado, emagreci treze quilos. Fiquei só o couro e osso. Tivemos o azar de pegar um maratonista como instrutor de Educação Física, o homem fazia a gente correr vinte quilômetros por dia. Oito meses de ralação, minha mão parecia um côco de tanta pagar apoio de frente no asfalto quente. Mas vocês acreditam que eu tenho saudades dessa época? Sempre que encontro um “irmão” do meu pelotão, é uma festa. Fiz muitas amizades no curso de formação, ficamos unidos pela dor.

Cheguei tão magro em casa que parecia que só tinha orelhas. Minha mãe não me reconheceu quando eu entrei em casa.

**– Meu filho, você está horrível. O que fizeram com você?**

**– Vou comprar três quilos de carneiro e fazer um pirão para você.**

Dona Zelita é um anjo.





# CAPÍTULO 6

## CIDADE FANTASMA

Chegou a hora de começar minha jornada na Polícia Militar. Estava bem ansioso para saber a minha primeira escala de serviço. Eu queria muito ser escalado na RP (Rádio Patrulha) do bairro Cajueiro, o bairro mais violento do nosso batalhão. Parece coisa de doido, mas é assim o perfil de um recruta (novato), parece que tem merda na cabeça, quer sempre as piores missões.

05h da tarde, a hora que lançam a escala. Liguei muito ansioso para o quartel para saber aonde eu iria trabalhar no outro dia. Não queria nem saber com quem era, só queria saber se eu estaria na RP.

– **Alô! Eu sou o Soldado Mendonça. Gostaria de saber onde estarei escalado amanhã. O senhor poderia olhar na escala, por favor?**

Alguém bravo respondeu:

– **Só um minuto, recruta.**

Era o Sargento Robson. Era bem bravo. Escutei ele gritando:

– **Jorge, olha, na escala dos recrutas, onde o Mendonça está escalado.**

Demorou um pouco, afinal, eram várias escalas, muitos novatos escalados. Cinco minutos depois, escutei

o grito do policial que olhou a escala:

– **Sargento, ele está escalado na Colônia com o outro recruta Lucindo.**

O Sargento pegou o telefone e me disse:

– **Putá que pariu, recruta! Lascou! Você foi escalado na Colônia. Tchau!**

O Sargento desligou o telefone sem passar mais nenhuma coordenada. Eu não sabia que diabos era Colônia, muito menos porque ele disse que eu tinha me lascado. Uma coisa era certa: não era uma coisa boa.

Liguei para o Lucindo e combinamos um local e horário para irmos juntos para tal Colônia. Ele só sabia que havia um ônibus para lá, e saía da estação às 04h da manhã.

Pegamos o ônibus na Estação e fomos ao nosso destino. Era tão velho, caindo os pedaços. Começamos a viagem. Um bom tempo depois, o ônibus entrou em uma estrada carroçal, onde percorreu por uma hora nessa estrada. Chegamos ao final da linha e não vimos muita coisa, apenas um bar e um telefone público. Perguntei ao motorista onde ficava o posto policial. Ele apontou para uma estrada velha e disse:

– **Vocês vão nessa estrada de terra, daqui a cinco quilômetros vocês vão ver a entrada do leprosário.**

Eu questionei:

– **Eu perguntei onde fica o posto policial, não onde fica leprosário.**

Ele reafirmou:

– **É lá mesmo, policial. O posto de vocês fica vi-**

---

**zinho ao cemitério do leprosário. É só seguir essa estrada que vocês chegarão lá.**

O Sol estava nascendo ainda, mas, por sorte, o dono do Bar estava varrendo a calçada e perguntamos se ele tinha café para vender. Ele respondeu que sim e ainda tinha uma tapiquinha saindo.

Eu falei para o Lucindo:

— Até que não é tão ruim aqui.

Lucindo:

— **É mesmo, Mendonça!**

Tomamos o café com tapioca e pegamos a estrada a pé. Andamos por quase 40 minutos nessa estrada de terra. Não tinha nenhuma casa no caminho, só mato e lama, pois estávamos na estação chuvosa no Ceará.

— **Olha ali, Mendonça, chegamos — Disse Lucindo.**

Olhei para frente e avistei um portão de ferro, bem parecido com aqueles de cemitérios de filmes de terror. Aliás, era uma entrada de cemitério mesmo.

Tinha um senhor baixinho de bigode sentado na calçada do posto policial.

— **Bom dia! Vocês são os policiais novatos que vão trabalhar aqui? — Perguntou o senhorzinho.**

Respondi:

— **Isso mesmo. Somos nós mesmos.**

— **Graças a Deus! Há meses não aparece nenhum policial. Os ladrões estão levando todas as nossas galinhas — Exclamou o senhor.**

Eu pensei comigo mesmo: puta que pariu! Eu queria

pegar bandido de verdade, aí me colocaram para prender ladrão de galinha. Eu disfarcei a minha insatisfação e perguntei para o senhor baixinho:

– **A cidade é longe daqui?**

Ele riu e respondeu:

– **Estamos na cidade. É aqui mesmo. O senhor não sabe onde está?**

Eu estava tão cansado da viagem que ainda não tinha reparado. Sentei em uma cadeira de balanço velha, e olhei ao redor do posto policial. Além do cemitério que ficava vizinho ao posto, avistei um convento enorme abandonado, um pequeno hospital, um refeitório bem antigo e aproximadamente umas 30 casinhas.

Eu perguntei ao senhorzinho:

– **O que realmente é “aqui”?**

– **O senhor não sabe? Aqui é uma antiga colônia de isolamento para pessoas com hanseníase, que muitos lá fora chamam de leprosário.**

– **Todos que moram aqui têm hanseníase, inclusive eu. Mas não se preocupem, minha doença está bem controlada. Existem dois tipos de hanseníases, a contagiosa e a não contagiosa. A minha não é, por isso, fui nomeado pela comunidade para auxiliar vocês no que precisarem. Eu moro aqui mesmo no prédio do posto policial.**

Naquele momento entendi o “puta que pariu” do sargento Robson quando disse estarmos escalados na Colônia.

O Lucindo olhou para mim e disse:

– **Lascou!**

Disfarcei para o senhorzinho gentil não perceber a nossa preocupação. Logo começou a chover forte. Ficamos sentados no alpendre do posto policial, vendo a hora passar. Não passava ninguém em frente ao posto, o tempo parecia ter parado. Quando de repente escutamos alguns gritos de socorro. Levantamos bem rápido e saímos na chuva para ajudar aquela pessoa, aí o senhorzinho amigo da polícia disse:

– **Voltem, é “apenas” a dona Esmeralda que está no nosso hospital. Ela está morrendo, por isso esses gritos.**

Voltei mais rápido que saí. Sentei na cadeira bem assustado e morrendo de pena daquela senhora que gritava.

O senhorzinho disse:

– **Acostumem-se, isso é normal aqui.**

Logo os gritos pararam, fiquei um pouco aliviado, até o senhorzinho soltar:

– **Graças a Deus! Acabou o sofrimento da D. Esmeralda. Ela deve ter falecido.**

Ficamos em silêncio por um bom período, até que avistamos um outro senhor empurrando uma bicicleta na chuva. Ele trazia uma sacola amarrada em sua bicicleta.

– **Bom dia, policiais. Meu nome é Manoel, sou presidente da Associação. Sejam bem-vindos. Infelizmente hoje não é um dia muito bom, pois perdemos mais um morador. A Dona Esmeralda acabou de fale-**

**cer. É o quarto morador que se vai este mês.**

Respondi.

**– Que pena! Bom dia para o senhor também!**

Seu Emanuel:

**– Bem! Vamos para o que interessa. O seu Beto vai auxiliar vocês aí no posto. O que vocês precisarem, podem pedir para ele, que ele vai providenciar.**

**– Ah! Antes que eu me esqueça. Trouxe o almoço de vocês. Acabei de fazer.**

Ele, com bastante dificuldades, pois não tinha nenhum dedo nas mãos e era cego de um dos olhos, devido à hanseníase, tirou a sacola que estava em sua bicicleta e nos entregou o nosso almoço. Com educação agradeceu:

**– Muito obrigado, seu Emanuel. O que o senhor precisar, pode contar conosco.**

Ele gesticulou e disse:

**– Eu que agradeço, Seu Policial. Infelizmente não posso ficar mais tempo para conversarmos, tenho que ajudar no enterro da D. Esmeralda.**

O silêncio aumentou no posto policial, eu não sabia nem o que falar. Então, chamei o Lucindo para fazer uma ronda pelo vilarejo, que, na hora, aceitou. O Sr. Beto, nosso ajudante, pegou um pedaço de madeira e disse que iria nos mostrar os pontos críticos.

Começamos a ronda a pé mesmo, o lugarejo era tão pequeno que em 15 minutos concluímos a ronda. O Sr. Beto deixou para mostrar o convento abandonado por último, por ficar em frente ao posto policial e por ser o local mais crítico da comunidade, pois era onde os inva-

sores ladrões de galinhas escondiam-se para cometer os furtos.

A faixa do convento abandonado era tenebrosa. Quando coloquei o pé na entrada, arrepiaram todos os pelos do meu corpo. Estava bem escuro devido à chuva. Ouvimos um barulho estranho vindo do segundo andar. O seu Beto disse:

– **Não vão! Pode ser o fantasma da Freira que assombra o convento.**

O Lucindo respondeu:

– **Que porra de fantasma! Vamos subir e olhar que barulho foi esse.**

Começamos a subir a escada. Confesso: eu estava morrendo de medo do tal fantasma, mas fui assim mesmo. Fomos fazendo uma progressão táctica até chegar no andar de cima. Era um lugar enorme, tinham vários quartos. Olhei rápido para um dos quartos daquele andar e vi um vulto preto.

Os meus cabelos pareciam que saíam da minha cabeça. O Lucindo também viu e apontou para o quarto, dando o sinal que iria entrar. Nessa hora, o nosso ajudante, sr. Beto, correu de tanto medo. Gritou dizendo ser o fantasma e nos abandonou.

Perguntei para o Lucindo se realmente ele queria entrar, que respondeu que também estava com medo, mas tínhamos que entrar assim mesmo.

Nós nos posicionamos na entrada do quarto onde havíamos visto o vulto e entramos. Vi algo dentro de um guarda-roupas velho. Quando abrimos a porta, era

a peste de um menino que estava escondido para furtar as galinhas da vizinhança. Demos uma bronca na peste dessa criança, que jurou de pé junto nunca mais iria furtar nada de ninguém, principalmente as galinhas da Colônia.

Voltamos para o posto policial. O Sr. Beto estava pálido, tomando uma garapa de açúcar por causa do medo que passara. Explicamos para ele, que havíamos descoberto quem era o ladrão e que nunca mais ele iria furtar mais nada na comunidade.

Ele pegou uma bicicleta e foi espalhar a notícia de que o ladrão havia sido descoberto. Logo, ele voltou com o seu Emanuel. Estavam sorridentes e nos agradeceram demais, porque a peste do menino estava dando um grande prejuízo a todos.

**– Meus filhos, hoje mesmo vou ligar para o vereador Mané do Tico. Vou pedir para ele ligar para o comandante de vocês para elogiar o excelente trabalho que vocês fizeram – Disse Seu Emanuel.**

Ficamos cheios de orgulho. Afinal era a nossa primeira ocorrência e havíamos descoberto o ladrão que aterrorizava aquela comunidade.

**– Ah! Já falei com o pai do moleque. Ele vai dar um castigo nele para aprender.**

Momentos depois, o telefone público que ficava em frente ao posto policial e, às vezes, funcionava com o “190”, ou seja, telefone da emergência, começou a tocar. Sr. Beto se levantou rápido para atender, afinal, essa era uma de suas missões, anotar as ocorrências policiais para



nos repassar.

– **Posto Policial, boa tarde!**

– **Ah! Sim, Senhor. Vou chamar um deles agora.**

– **Senhores, é o Sargento Robson do Batalhão de vocês.**

Eu me levantei e fui atender.

– **Boa tarde, sargento, meus cumprimentos militares.**

– **Mendonça, vocês se “foderam”. O que vocês fizeram aí na Colônia? – Questionou o Sargento Robson.**

– **Sargento, não fizemos nada, aliás, fizemos, descobrimos o ladrão que estava furtando as galinhas da comunidade.**

– **Ah foi isso?! Macho, o telefone do Coronel tocou, parece ser um vereador. Ele ficou com ar sorridente e, quando desligou, o telefone apenas disse para eu não tirar vocês daí tão cedo.**

– **Putá que Pariu, Sargento. Vamos ter que ficar trabalhando aqui nesse fim de mundo? – Perguntei.**

– **Fodeu, recruta. Come teu angu.**

O Sargento disse isso e desligou o telefone na minha cara.

Contei para o meu parceiro Lucindo, que ficou putó.

– **Mendonça, eu não entrei na Polícia para pegar ladrão de galinha.**

– **Macho, nem eu. Quero trabalhar em uma viatura!**

O Sr. Beto, que escutava a triste conversa, soltou

essa:

**– Vocês não vão sair mais daqui? Graças a Deus! Espero que vocês fiquem vários anos, como os policiais antes de vocês passaram. Eles só saíram porque se aposentaram.**

Não há nada tão ruim que não possa piorar. O Sr. Beto, sem querer, acabou de piorar o nosso ânimo.

Passamos a tarde inteira sentados na varanda do posto, esperando algo acontecer. A chuva aumentou ainda mais o nosso tédio.

**Lucindo comentou:**

**– Poxa! Não acontece nada nesse lugar?**

De pronto o Sr. Beto respondeu:

**– Mas já aconteceu. Vocês pegaram aquele ladrãozinho. A comunidade está muito agradecida.**

A noite chegou rapidamente. O que era calmo, ficou ainda mais. Às 19h, todos os moradores já estavam em suas residências com as luzes apagadas. Apenas o pequeno hospital e o posto policial permaneciam com as luzes acesas.

Resolvemos fazer outra ronda na comunidade para passar o tempo. O que era uma ronda, tornou-se em três voltas pela localidade. Concluimos nossa missão e voltamos para o posto. Nessa hora, até o pequeno hospital estava com as luzes apagadas.

**– E agora, Lucindo, o que vamos fazer?**

**– Cara, não tem o que fazer – Ele respondeu.**

**– Vamos sentar nessas cadeiras e esperar amanhecer e “pegar o beco” daqui!**

---

Entramos no posto policial e sentamos nas cadeiras desconfortáveis. O Sr. Beto, armou sua rede na sala do posto e pediu:

– **Senhores, por favor, apaguem as luzes. Vocês estão de serviço, eu não.**

Fiquei puto, mas ele estava certo. Ele não tinha culpa, afinal, o posto era a casa dele. Nós que estávamos invadindo o seu espaço.

A madrugada chegou e o sono também. O tédio parecia aumentar o sono. Olhei para o Lucindo que estava “pescando” na cadeira. Quase que ele caiu no chão. Resolvemos fazer um revezamento, como ele estava destruído, deixei que ele cochilasse primeiro naquela cadeira dura.

Resolvi pagar minha etapa na varanda. Andava para um lado e outro, tentando espantar o sono que estava tomando conta de mim. Quando, de repente, o Lucindo gritou lá de dentro do posto:

– **Putá que Pariu, Mendonça, para de brincadeira.**

Eu pensei que os bandidos estavam invadindo o posto para tomar nossas armas. Saquei minha arma e entrei.

– **O que foi Lucindo? Cadê os bandidos?**

Ele respondeu puto:

– **Estão na puta que pariu! Macho, para de brincadeira, se você fizer isso de novo...**

– **Fez o que, macho? Eu não fiz nada. Estava lá fora de prontidão.**

– **Fez sim, você me empurrou da cadeira, e eu caí no chão.**

– **Não fui eu. Juro.**

– **Então foi o seu Beto.**

Olhei para o seu Beto deitado na rede. Ele estava bem assustado. E disse:

– **Não fui eu. Não fiz nada. Eu estava dormindo quando vocês me acordaram com os gritos.**

O Lucindo que ainda estava sentado no chão, levantou-se, bateu a poeira da farda e disse:

– **Eu vou cochilar de novo, mas, se um de vocês fizer isso novamente, eu não respondo por mim.**

Fui lá para fora de novo, mas fiquei olhando entre as frestas da janela, para ver se o Sr. Beto derrubava o Lucindo de novo. Afinal, só poderia ter sido ele, pois eu não tinha feito nada ou então o Lucindo estava sonhando.

Passaram-se 20 minutos, eu estava de olho nas frestas da janela, quando o Lucindo grita de novo:

– **Socorro!! Socorro!!**

Naquele momento eu comprovei que não era o Sr. Beto, pois eu estava olhando para ele.

Entrei correndo e como eu tinha decorado onde era o interruptor da luz, fui direto ligar. O Lucindo estava pálido dizendo:

– **Vamos embora daqui pelo amor de Deus! Eu vi um homem de chapéu sentado nessa outra cadeira que você estava sentado antes. Ele mandou a gente sair daqui imediatamente.**

Meus cabelos começaram a subir.

– **Lucindo, conta essa história direito. Eu estava olhando para o Sr. Beto. Ele não se levantou.**

---

– **Eu sei, cara. Não era ele. Era um senhor alto, magro e sem rosto. Ele falou e depois sumiu na minha frente.**

Quando o Lucindo fechou a boca. Várias coisas estranhas começaram a acontecer dentro daquele prédio velho. Os pratos e copos começaram a cair no chão; as luzes acendiam e apagavam; a porta do banheiro estava se mexendo e muitas pedras caíram nas telhas.

Corremos lá para fora, O Sr. Beto pulou dessa rede em uma velocidade... Eu perguntei a ele:

– **Sr. Beto, o que é isso?!**

Ele estava pálido e se tremendo, mas respondeu:

– **Vocês não vão acreditar.**

– **Conte, Homem, pelo amor de Deus – Lucindo insistiu.**

Nesse momento tudo ficou em silêncio. As coisas pararam de cair; as luzes se apagaram, e a porta parou de mexer.

– **Vocês estão vendo essas marcas de “balas” nas paredes do posto policial?**

– **Sim, mas o que tem isso a ver? – Eu perguntei.**

– **Há alguns anos, aqui ainda não tinha posto policial. Uma quadrilha de assaltantes de bancos usou o prédio, onde hoje é o posto, para se esconder da Polícia.**

– **Sério isso?!**

Lucindo apavorado perguntou.

– **Sim! A PM descobriu e veio prender a quadrilha. Quando os policiais cercaram o prédio, os bandi-**

**dos reagiram e foram mortos no confronto. Depois disso, deslocaram uma equipe de policiais para a nossa comunidade, mas os fantasmas dos bandidos atormentam o prédio, principalmente os policiais de serviço.**

**– Ah, por isso, o Sargento Robson escalou recrutas aqui, porque os antigos não querem vir – Disse o Lucindo.**

**– Meu irmão, eu não entro mais nesse prédio nem por muito dinheiro. Vou arrumar minhas coisas e ficar aqui fora até o fim do nosso plantão.**

O Lucindo não pensou duas vezes e me acompanhou. Pegamos nossas mochilas e ficamos até o nosso horário. Fomos embora e nunca mais voltamos ali.

Ah vocês devem estar pensando como conseguimos convencer o Coronel para não nos escalar mais lá, né? Isso é uma outra longa história...

# CAPÍTULO 7

## TERROR NO SERTÃO

Alguns anos depois, eu consegui uma transferência para um Batalhão no Sertão Central, área com várias ocorrências de roubo a banco, principalmente pelo novo cangaço: grupos armados que sitiavam cidades do sertão para explodirem os cofres dos bancos dessas cidades. Geralmente essas quadrilhas fazem seus roubos com 20 a 30 bandidos armados com armamento de guerra e caminhonetes que facilitam o transporte dos bandidos e do arsenal por eles usado.

Eles cercam os postos policiais durante a madrugada e destroem as nossas viaturas para evitar o combate. Eles são muito violentos e estudam muito as saídas das cidades antes dos roubos.

Quando minha mãe soube que eu tinha sido transferido, a pedido, para essa região, chorou por uma semana.

Meu Batalhão era muito grande, composto por 10 municípios, mas as sedes de cada um destes eram bem distantes uma das outras. Era uma área enorme.

Eu fui alocado na sede do Batalhão, que fica na maior cidade da região. Temos a sede do município e vários distritos para policiar. Em quase todos os temos uma viatura empregada, com três policiais em cada patrulha.

Eu trabalhava no Distrito de Juá, que fica a 35 quilômetros de distância da sede do Município. Eu era patrulheiro do Sargento Bruno, uma pessoa maravilhosa e sofredora. Ele era viúvo e tinha quatro filhos. Um dos seus filhos era especial e necessitava de cuidados.

Quando o Sargento Bruno estava de serviço, ele deixava uma senhora tomando conta do Juan, o filho especial. Os outros três eram menores de idade, mas ajudavam muito no comércio de frutas que o Sargento Robson montou para ajudar no sustento da família.

Apesar das dificuldades, nunca vi o Sargento reclamar da vida, pelo contrário, estava sempre sorrindo e ajudando o próximo. Ele era muito querido por todos.

O motorista da nossa viatura era o soldado Braga. Ele também era gente boa demais. Era muito inteligente, estudava muito, estava no sexto semestre no Curso de Direito. Eu via sua dificuldade para frequentar a faculdade, principalmente em período de prova. Eu o ajudava, dirigia sempre que eu via que ele estava mais cansado. Sua esposa estava grávida de 5 meses. Ele estava bem feliz com a gravidez.

Era 24 de dezembro, véspera de Natal. Estávamos entrando de serviço de 24h e por coincidência era o último serviço do sargento Bruno na Instituição, ele iria se aposentar e assim poderia cuidar dos seus filhos.

Antes de assumirmos a viatura, na sede do Batalhão, fizemos uma bela e justa homenagem ao Sargento. Ele ficou bem emocionado, afinal, foram mais de trinta anos de dedicação à Gloriosa Polícia Militar.



---

Fizemos a inspeção nas armas e na viatura e seguimos para o Distrito de Juá para realizar o patrulhamento convencional. Chegando ao Distrito, sendo bem humilde, demos uma volta no centro da localidade, antes de irmos para a zona rural. Apesar de ser um distrito, era bastante extenso.

Realizado o patrulhamento no Centro, fomos para a Zona Rural. São várias estradas e vilarejos, não conseguíamos patrulhar toda a área em um serviço de 24h. Fazíamos um planejamento para não deixar de passar mais de dois serviços sem visitar um local. Esse cuidado era importante, pois a falta de policiamento gera uma facilidade para a criminalidade “adotar” aquele local e se instalar.

Na localidade de Pedra Branca, tinha um senhor chamado Geraldinho, era muito gente boa. Sempre que chegávamos no seu sítio, ele nos oferecia café com tapioca. Sempre nos tratou muito bem. Naquele dia, véspera de Natal, não foi diferente.

– **Bom dia, Seu Geraldinho. Tudo bom? – Disse o SGT Bruno.**

Que respondeu:

– **Bom dia, meus filhos. Tudo na paz de Deus! Vamos de cafezinho?**

Durante o café, o seu Geraldinho nos convidou para participar da ceia de Natal com ele e sua família. Ficamos bem felizes com o convite. O SGT Bruno **respondeu ao convite:**

– **Seu Geraldinho, será uma honra. Confesso que**

**fiquei bem emocionado com o convite, mas tem um problema: não podemos confirmar nossa presença, pois a vida de polícia é bem complexa, de repente, podemos pegar uma ocorrência mais grave e já sabe, né?**

**– Eu entendo, meu filho. De qualquer maneira, o convite está feito. Vamos começar nossa reunião às 21h. Serão muito bem-vindos – Disse seu Geraldinho.**

Estávamos de saída quando o seu Geraldinho nos chamou para conversar em particular.

**– Sargento, tenham cuidado. Vi ontem a noite passar três carros grandes (caminhonetes) com várias pessoas estranhas na carroceria. Eles passaram aqui em frente de casa. A Comunidade está bem assustada por causa dessas pessoas – desabafou seu Geraldinho.**

**– Obrigado pela informação. Vamos ficar atentos – Agradeceu o Sargento.**

Entramos na viatura e começamos a analisar a informação do nosso amigo. Chegamos à conclusão que poderiam ser parentes de algum morador que teriam vindo passar o Natal com seus familiares. Seguimos o nosso patrulhamento.

Alguns minutos depois, a Central do Batalhão passou a informação via rádio:

**– Atenção todas as viaturas. Fiquem atentos para três caminhonetes que foram roubadas ontem à tarde em nossa área – Disse o operador do Batalhão.**

**– Poxa! Sargento, podem ser os elementos que o**

---

**Seu Geraldinho viu ontem à noite – disse o Soldado Braga.**

**– É verdade, Braga. Vamos ficar atentos – Respondeu o SGT.**

Resolvemos combinar com a viatura do Distrito vizinho para um possível apoio. A composição do Lajeiro, Distrito vizinho ao nosso, era composta Pelo Cabo Almeida, Soldado Welsen e a Soldado Larissa. E assim fizemos, marcamos uma conversa no limite entre o distrito e alinhamos sobre o possível apoio.

Terminada a reunião, cada viatura voltou ao patrulhamento em suas respectivas áreas.

Depois do almoço, ficamos parados na estrada principal do nosso distrito. O movimento de carros estava bem intenso, pois era véspera de Natal. Fizemos algumas abordagens, mas tudo tranquilo.

No intervalo de uma dessas abordagens começamos a conversar sobre o último dia de serviço do SGT Bruno.

**– E aí, sargento, preparado para sair dessa rotina? Vai ter saudades da gente? – Perguntou Braga.**

**– Braga, com toda sinceridade, eu estou bem emocionado. Apesar de ter a dificuldade com os meus filhos, de não ter ninguém que cuide deles, quando estou de serviço, vou sentir muita falta da Polícia. Eu amo minha profissão.**

**Respondeu o Sargento com os olhos marejados.**

**– Quando a minha esposa faleceu, eu assumi uma carga muito pesada, meu filho especial, precisa muito de mim. Agora vou dedicar meu tempo para cuidar dele e**

dos outros — Completou o Sargento.

De repente o rádio chama:

— **Copiando, Cb. Almeida? Faça um deslocamento ao sítio do Dr. Heron, tem um som alto em residência.**

— **Tranquilo! Estamos indo agora atender essa ocorrência. Estamos almoçando, mas vamos assim mesmo — Disse Cabo Almeida.**

O Sargento Bruno tinha um coração muito grande e resolveu pedir à Central para atender essa ocorrência para dar tempo da composição do Cabo Almeida concluir o almoço.

— **Central, deixa que nós vamos atender essa ocorrência.**

— **Muito obrigado, Sargento Bruno — Agradeceu o Cabo Almeida pela gentileza.**

Assim, pegamos a estrada em direção à localidade de Lajeiro para desligar o som alto. Era uma estrada carroçal e de difícil acesso, por isso fomos devagar, pois a estrada exigia.

— **Poxa! Sargento, os caras começaram a curtir o Natal bem cedo — Falei para o SGT Bruno.**

— **É verdade, Mendonça. Os caras não respeitam nem a data Santa e ligam o paredão de som. Falta de respeito — Respondeu o SGT.**

O Braga avistou um casal e uma caminhonete branca parada na estrada. E alertou:

— **Cuidado, pessoal, tem um carro parado ali na frente. Tem um casal do lado do carro.**

---

**– Devem estar com problemas mecânicos, mas fiquem atentos, podem ser as pessoas que Seu Geralzinho viu ontem à noite – Falou o Sargento Bruno.**

O Braga parou atrás do carro do casal para fazer abordagem e se fossem apenas problemas mecânicos, iríamos oferecer ajuda. No entanto, quando descemos da viatura...

Vários elementos armados de fuzis, pistolas e escopetas calibre 12, saíram dos matos. Era uma emboscada frontal.

Eles começaram a atirar contra a nossa composição. Um dos tiros de fuzil atingiu a cabeça do Braga. Era um tiro de calibre 556. Parte do seu cérebro veio parar no meu colete.

O Sargento Bruno levou um tiro de fuzil no braço e apresentou fratura exposta. Conseguíamos ver o osso do braço dele. Mesmo assim, ele conseguiu pegar o rádio portátil que estava em seu colete e pedir apoio.

**– APOIO! APOIO! Sofremos uma emboscada na estrada do Lajeiro, perto da residência do Dr. Heron. Eu estou baleado e Braga levou um tiro na cabeça. Eu acho que ele faleceu.**

Logo começou um alvoroço na frequência:

**– Estamos indo no Apoio.**

**– Segura firme, sargento.**

A composição do Cabo Almeida já havia terminado de almoçar e estava perto de uma outra estrada que também dava acesso ao sítio do Dr. Heron. Eles entraram nessa segunda estrada, mas logo se depararam com uma

outra emboscada e também sofreram um ataque. Vários elementos cercaram a viatura e renderam a composição do Cb. Almeida, que nada puderam fazer.

Eles tomaram as armas dos três policiais e mandaram eles deitarem no chão. Um dos bandidos sacou uma pistola calibre.40 e atirou na cabeça do Cb. Almeida que faleceu na hora.

Sua patrulheira, Soldada Larissa ficou desesperada. Um outro bandido algemou Larissa e Welsen e os colocaram na carroceria de uma caminhonete e foram em direção ao restante do grupo, o mesmo que praticou a emboscada contra a nossa composição.

**– Pelo amor de Deus, não nos matem. Eu sou mãe solteira, meu filho é um bebê ainda – Suplicou Larissa.**

**– Cala a boca, sua vagabunda. Eu vou matar vocês dois. Disse um dos bandidos.**

**– Larissa, fica calma. Não fala mais nada. Faz tudo o que eles mandarem – Disse Welsen tentando acalmar Larissa.**

Sob a mira de fuzis, Welsen e Larissa recebiam ameaças durante todo o percurso.

Enquanto isso, o SGT Bruno e eu, estamos sob forte ataque. Eu estava com um fuzil com dois carregadores. Ficamos abrigados atrás da nossa viatura. Eu controlava a munição, dava tiros em alvos certos, não poderia desperdiçar munição. Enquanto o SGT Bruno, sem condições de combate, estava deitado no chão. Ele havia perdido muito sangue, até que desmaiou. Pelo menos eu achava

---

que ele tinha desmaiado, mas infelizmente ele tinha falecido, o tiro que acertou seu braço, ocasionou uma hemorragia grave que resultou em sua morte.

Os vagabundos faziam progressão tática na tentativa de nos alcançar. Segurei o avanço deles, fazendo disparos controlados para poupar as munições, eu já estava no último carregador de fuzil.

Logo acertei um deles, na cabeça. Ele caiu morto. O restante da quadrilha ficou revoltada e dispararam sem piedade contra mim e o SGT Bruno que já estava morto naquela altura.

Nesse momento a caminhonete, com os outros vagabundos e os soldados Welsen e Larissa, chegou.

Os Vagabundos desceram do carro para ajudar seus comparsas na tentativa de me matar. Eles saíram com tanta sede de me matar, que esqueceram a Larissa e o Welsen na carroceria. Mesmo algemados, eles conseguiram pular da traseira da caminhonete e correram mato adentro.

Depois eles contaram que correram por mais ou menos 8 quilômetros de mata fechada até chegar na estrada onde foram salvos por um casal que passava de carro por ali. Eles estavam todos machucados por causa da vegetação de caatinga. A Larissa estava em pânico, não conseguia parar de chorar. Eu acho que até hoje ela não se recuperou do trauma de ver seu companheiro de profissão ser executado covardemente por bandidos. Também por ser sequestrada e permanecer com um cano de um fuzil apontado para a sua cabeça por um bom tempo.

Mas, voltando para a troca de tiros, e estava desesperado, a munição estava acabando e os bandidos em progressão, cada vez mais perto. Senti algo arder muito na minha perna. Era um tiro que tinha acertado a minha coxa. Olhei para minha perna e o sangue jorrava, cabia a minha mão no buraco. Fiquei apavorado, senti ser o meu fim.

Olhei para o fuzil e minha munição tinha acabado, não apenas do fuzil, mas também da minha pistola. Não tinha mais o que fazer. A minha vista foi escurecendo e cai em cima do corpo do Sargento Bruno e me fingi de morto.

Os bandidos chegaram até a gente. Eu ouvi bem longe um dizendo:

**– Deixa que eu finalizo esse verme. Me dá a calibre 12, quero ver o cérebro desse filho da puta explodir.**

Eu estava bem fraco, ouvi tudo de muito longe. Passou um filme em minha cabeça. Lembrei da minha infância em Uruburetama e da minha família. Fiquei imaginando o quanto eles iriam sofrer, principalmente minha mãe, D Zelita, que chorou muito quando soube que eu havia passado no concurso para ser policial.

Escutei o barulho da ciclagem da escopeta calibre 12, era o som da morte. Até que ouvi um tiro, mas não era de escopeta, e não era tão perto. Se eu ouvi e ainda estava pensando, então não era em mim o tiro.

Era uma composição completa do COTAR (Comando Tático Rural) um dos melhores e mais bem prepa-



---

rados policiamentos do Brasil, criado exatamente para combater quadrilhas que aterrorizam o Sertão.

Eles estavam passando perto dali quando ouviram no rádio o pedido de apoio do SGT Bruno e foram nos socorrer.

Por coincidência um dos integrantes da composição do COTAR, era o Lucindo. Lembram dele? Pois é, ele bancou o Curso do COTAR e estava naquele dia no local certo e na hora certa.

Eram muitos tiros e corpos caindo. O COTAR não brinca, atirou, vai para o saco. O primeiro que caiu foi o vagabundo que estava com a calibre 12 apontada para mim. Eu estava caído em cima do corpo do Sargento quando ouvi outra voz bem longe:

**– Está bem, irmão? Vou te levar para o hospital. Você vai ficar bem – Era o Lucindo.**

Ele pegou no meu colete e me arrastou para a viatura deles. Mas os tiros não pararam. Até que minutos depois, o COTAR completou a missão. Todos os vagabundos estavam mortos. Eles fizeram os primeiros socorros, colocaram um torniquete em minha perna e estancaram o sangramento. Esse procedimento salvou a minha vida. O apoio aéreo chegou e me socorreu para a Capital. Sofri duas paradas cardíacas no percurso, mas os guerreiros da CIOPAER me trouxeram de volta.

Passei 4 dias na UTI e por um milagre de Deus e pela ajuda dos meus irmãos de farda, estou aqui escrevendo essa história triste para vocês.



# CAPÍTULO 8

## TIA CARMELITA

Vocês lembram da Tia Carmelita da história do “Corpo”? Isso, a senhorinha que vendia comida para sustentar seus familiares. Vamos contar a sua história. Vou adiantar: se você não se revoltar, você não tem coração.

Tia Carmelita era uma senhora de meia-idade, simpática, solidária, trabalhadora, discreta, doce e muito corajosa. Ela morava em uma região bem pobre e de difícil acesso, mas muito grande.

A região em que ela morava, era bem complicada. Tínhamos muitos problemas de segurança pública. A geografia ajudava muito os Traficantes. Área extensa, de difícil acesso e uma vasta vegetação. Um local ideal para armazenamento e venda de drogas, bem como locais para esconderijo dos membros dessas facções.

O nosso Comandante, preocupado com a situação dessa localidade, montou três equipes de policiais, que se revezavam em turnos de 24h. Eu fui convidado para comandar uma dessas equipes. Nessa época, eu já era Sargento e o mais antigo dentre todos os policiais que compunham essa Força tarefa, por isso o Major também me escalou para coordenar as outras equipes. Aceitei na hora, pois missão dada é missão cumprida.

Antes de executar de fato, fizemos várias reuniões e treinamentos para diminuir os riscos de baixas policiais. Tivemos mais uma vez a excelente ajuda do COTAR, que nos treinou para agirmos em ambientes de Caatinga, vegetação predominante da região que iríamos executar a missão.

Treinamento concluído, caímos em campo. Fizemos um belo estudo da área: suas rotas de fugas, principais pontos de vendas, principais vendedores de drogas, os gerentes do tráfico local e o “patrão” da área.

O patrão é fácil de descobrir. Eles sempre dão as mesmas bobearias, mas não vou citar aqui quais são, vai que um bandido resolve ler este livro. Fácil descobrir e bem diferente de ser fácil prender. Esses vagabundos são espertos e covardes, não pegam em quase nada de ilícito, apenas em momentos muito pontuais, ficando quase impossível pegá-los em flagrante.

Para pôr a mão na massa, eles utilizam seus gerentes, soldados e seus devedores. Estes últimos fazem as execuções de pessoas a mando do traficante chefe. Se não fizerem o que eles mandam, vão para o saco junto com o outro que era o alvo da missão.

No caso dessa localidade específica, o “patrão” era o “Gordo”. Um cara perverso e covarde. Ele mandava matar qualquer um que ele apenas sonhasse que poderia lhe prejudicar. Não queria saber se era jovem, menino, criança, homem, mulher, pobre, preto, branco ou rico. Deu dor de cabeça para ele, mesmo que fosse em sonho, seria “decretado”. Ele era o “juiz”, o “promotor” e o “car-

---

rasco” daquele local.

Sabendo disso tudo, o Gordo virou o nosso principal alvo. Ficamos na cola dele dia e noite. Ele saía para comprar pão, a gente o abordava; ele saía para a casa da namorada, a gente o abordava; ele pensava em se coçar, a gente o abordava.

Ele ficava furioso, mas era malandro, não reagia às abordagens. Ficava calado sempre. Até que um dia, ele resolveu procurar ajuda jurídica de um advogado local. Ele foi orientado a fazer um Boletim de Ocorrência contra todos os policiais que trabalhavam naquela região, alegando estar sendo perseguido. Fomos chamados para esclarecimentos na Delegacia da região, mas nossas abordagens eram todas no padrão, não saímos da legalidade, não demos brechas para ele. Sua tática de tentar nos intimidar foi frustrada.

Ele escapava, mas seus gerentes não escaparam. Fizemos inúmeras prisões de seus “funcionários”. Apreendemos vários quilos de drogas, dando imenso prejuízo à sua facção. O Gordo estava furioso, não sabia o que fazer, resolveu oferecer um prêmio para quem matasse qualquer um dos policiais que trabalhassem na sua região. Como eu falei: ele era covarde, não tinha coragem de matar um de nós, ele oferecia dinheiro a terceiros. Mas, não conseguiu nenhum “suicida” que tivesse coragem de tentar nos matar.

Nossa escala era de 24h, e ninguém consegue ficar sem comer todo esse tempo. Na região, tinham poucos comércios, mas quase ninguém queria vender comida

para as nossas equipes, exceto a amorosa e corajosa Tia Carmelita. Todos os outros comerciantes locais tinham medo de represálias por parte dos traficantes, que já tinham soltado um “salve” e que era proibido os moradores terem contato com qualquer policial, sob pena de ser “decretado” pelo Gordo.

Esse “salve” se espalhou e dificultou nosso trabalho, pois sem ter onde comprar comida, ficava difícil permanecer com serviço na região.

A Tia Carmelita “peitou” o “salve” e continuou vendendo comida para as nossas equipes. Agora, não apenas o café da manhã, mas também almoço e jantar. Ela apurava uma boa grana para sustentar sua família e ainda ajudava no combate ao tráfico.

Ela precisava da grana. A dificuldade que ela passava, financeiramente falando, era bem grande. Ela era viúva, seu filho Rafael era cadeirante; seus pais eram bem idosos e necessitavam de muitos remédios caros.

O covarde do Gordo mandou vários recados para ela deixar de vender comida para as nossas composições, mas ela ignorou todos. Ela era bem discreta, nunca falou para nenhum policial sobre as ameaças, aliás ela nunca falou nada sobre qualquer situação que envolvesse crime ou algo parecido. Nós desconfiávamos das ameaças, mas não tínhamos certeza. Por isso, continuamos comprando comida em seu comércio. Era uma forma de ajudar também aquela família sofrida.

O Gordo ficou furioso e resolveu pedir ajuda externa. Ligou para seu fornecedor, na Capital, explicando-lhe

---

a situação. O Ratão, seu fornecedor de drogas, ofereceu dois de seus “soldados” para executar a Tia Carmelita. O Gordo aceitou na hora. Pica Pau e Pingo eram dois demônios, eles tinham prazer em matar, apesar de serem menores de idade, sua lista de perversidade era bastante extensa.

O Gordo determinou que todos os seus “gerentes” dessem todo o suporte para Pica Pau e Pingo, o tempo que fosse preciso para cumprirem a missão.

Um desses gerentes se chamava Natan. Ele tinha uma casa na mata, que seu pai usava de ponto de apoio para caça. Essa casa serviu de esconderijo para os dois demônios que vieram da Capital.

O Ratão forneceu um dos seus veículos para Pica Pau e Pingo para a missão deles, principalmente para a fuga, após o assassinato.

Eles ficaram por cinco dias nessa casa na mata. Eles fizeram todo planejamento de execução e fuga. Durante todo esse tempo, Natan levava almoço e jantar para os dois sicários.

Até que um dia, Pica Pau e Pingo foram armados de pistolas, que também foram fornecidas pelo Ratão, até o pequeno Comércio da Tia Carmelita.

Natan ficou responsável para criar uma ocorrência falsa e tirar a nossa viatura da área. Ele ligou para a central dizendo haver um homem bêbado que havia tentado matar a esposa. Infelizmente é uma ocorrência corriqueira em todo País.

Naquele dia, eu estava de folga. Quem estava coman-

dando a viatura da área era o Cabo Góes - um policial excelente. O Cb. recebeu a ocorrência falsa e foi tentar resolver.

Pica Pau e Pingo receberam a informação de Natan que a área estava "limpa", ou seja, sem Policiamento por perto. Sinal verde para os demônios.

Eles entraram no comércio da Tia Carmelita e perguntaram:

**– Tem o que para almoçar, tia? – Perguntou Pingo.**

**– Meus filhos, eu tenho frango assado, bife, bisteca de porco e peixe frito – respondeu Tia.**

**– Queremos duas quentinhas. Uma de peixe e uma de frango – Disse Pica Pau.**

A Tia Carmelita inocentemente deu as costas para esses demônios para fazer as quentinhas deles. Foi quando os dois sacaram, cada um deles, uma pistola, e deram dez tiros nas costas da coitada. Ela faleceu na hora. Sem nenhuma chance de defesa. Toda essa barbaridade foi assistida pelo filho cadeirante da tia Carmelita.

Os covardes correram até a rua de trás, onde o Natan esperava com o carro ligado. Em alta velocidade, fugiram e foram se esconder na casa que pertencia ao Pai do Natan.

Logo, pelo rádio da viatura, o Cabo Góes recebeu uma ocorrência.

**– Atenção, Cabo Góes. Desloque-se com brevidade para a rua A, no restaurante da Dona Carmelita. Uma tentativa de latrocínio. A comerciante foi balea-**



da.

Ele sem acreditar no que tinha ouvido, fez o deslocamento em alta velocidade para socorrer a Tia Carmelita.

Chegando no comércio, ele viu a tia Carmelita deitada no chão e seu filho do lado, chorando na cadeira de rodas.

O Góes começou a chorar, não conseguiu conter as lágrimas. Fazemos isso sempre, inúmeras tragédias que presenciamos, mas precisamos conter as lágrimas, para só em casa desabafar. Mas, neste caso, o Góes não resistiu.

Nessa hora meu telefone tocou — era o Góes.

— **Sargento, corre para cá. Mataram a Tia Carmelita. Deram vários tiros em suas costas.**

— **Góes, segura firme aí. Vou ligar para todas as equipes e vamos descer agora.**

Desliguei o telefone. Deu uma vontade de chorar, mas segurei.

Eu estava na sala de aula. Pedi licença ao professor e saí da sala. Liguei para os outros policiais que estavam de folga e pedi que fossem ao Batalhão. Chegando em nosso quartel, nos apresentamos ao Major, nosso comandante, que estava com o telefone na mão para nos convocar para essa triste missão: caçar os bandidos que mataram a Tia Carmelita.

O telefone do quartel não parava de tocar. Eram os moradores revoltados com a barbárie que esses marginais cometeram. Em uma ligação específica, anônima, é claro, pois todos tinham medo de morrer, davam infor-

mações sobre os assassinos da Tia Carmelita.

– Alô! Seu policial, eu sei quem matou e quem mandou matar a Dona Carmelita. Mas, não vou me identificar. Certo? – Falou uma senhora para o nosso policial.

– Quem “decretou” a morte da Dona Carmelita, foi o Gordo. Este, vocês não pegam mais, pois já fugiu assim que soube que a D. Carmelita tinha morrido, mas os outros vocês podem pegar.

– Pode dizer, senhora. Sua identidade será preservada – Disse nosso policial.

– Quem matou a D. Carmelita foram dois menores de fora, não os conheço, mas o Natan, filho do seu Alcides, organizou tudo e inclusive, está escondendo esses dois vagabundos na casa do pai dele, que não sabe das “presepadas” do filho.

– Senhora, como podemos chegar nessa tal casa? – Perguntou nosso policial.

– Vou dar as coordenadas para vocês. É uma casa velha, que fica vizinho da antena de telefone, na comunidade do Riacho Doce. Só tem essa antena lá. Mas, vocês devem ir a pé, se forem de carro, eles vão fugir. O Natan conhece tudo naquela região – explicou a senhora.

– Ah! O Gordo fugiu em uma moto grande, eu não sei o modelo. A placa estava amassada, não consegui ver.

– Obrigado, senhora. Vamos fazer de tudo para prender os acusados – agradeceu o policial.

---

**– Meu filho, não prendam esses covardes. Matem!! – Desabafou a senhora.**

O nosso policial de posse das informações, levou até a sala do Major, onde estávamos fazendo o planejamento para ir atrás dos acusados.

**– Major, recebemos informações importantes. Uma senhora ligou e disse quem matou a D. Carmelita e onde eles estão escondidos. Aliás, um deles, o Gordo, já fugiu em uma moto grande sem placa.**

**– Eu sabia que esse vagabundo estava envolvido! – Eu disse na sala do Major.**

**– Parabéns pelo excelente trabalho, policial. SGT Mendonça, pegue todas as equipes necessárias e vão pegar esses marginais. Vamos dar uma resposta para a sociedade ainda hoje – Determinou o Major.**

**– Pode deixar, major. Nós voltaremos somente quando pegarmos esses vagabundos – Eu prometi ao nosso Comandante.**

Organizei as nossas três equipes, incluindo a do Cabo Góes e fizemos todo o planejamento da ação. Pegamos os fuzis e muita munição, pois não sabíamos o que nos esperava realmente. A ligação poderia ser uma emboscada, como a que eu sofri em Lajeiro. Lembra-se? Pois é, dessa vez, não seríamos pegos de surpresa.

Pegamos as viaturas e descemos para o Distrito de Riacho Doce. O local exato ficava na zona rural do Distrito. Então deixamos as três viaturas em um sítio de um amigo nosso e fomos caminhando no matagal, para que os marginais não percebessem a nossa aproximação e

fugissem.

Já era noite, estava bem escuro. O Soldado Hermes assumiu a ponta dianteira da patrulha, porque, além de conhecer bem o Distrito, ele tinha uma ótima noção de rastreamento, pois havia nascido no sertão e seu pai havia lhe ensinado a técnica de rastrear para encontrar as cabras que se perdiam na mata. Era impressionante o conhecimento do Hermes. Ele sabia até se os elementos estavam correndo ou andando, se eles estavam indo ou vindo nas estradas.

**– Sargento, eles passaram nessa estrada. São quatro elementos – Disse Hermes.**

**– Ótimo, Hermes. Bom trabalho. Então segue na ponta, conduz a nossa patrulha até a tal casa – Eu disse ao Hermes.**

Caminhamos nesse matagal por mais de 50 minutos até que avistamos a antena.

**– HOP! Ali está a antena. Estamos perto. Hermes, vá até à casa para estudar o prédio e assim fazer o nosso planejamento de assalto (invasão). – Fiquem tranquilos, eles estão em situação de flagrante, podemos entrar sem prejuízos jurídicos depois.**

O excelente policial foi e voltou rápido trazendo todos os detalhes do prédio e dos indivíduos.

**– Sargento, é uma casa pequena. Tem duas portas e uma janela. Uma porta na frente e outra nos fundos. A janela fica na frente, ao lado da porta. Logo, não há motivo de preocupação de fuga por essa janela.**

---

**No caminho, eu havia avistado pegadas apenas de quatro elementos, mas, na casa, tem seis vagabundos. Dois de vigia de baixo de um cajueiro. Todos estão armados de pistolas. Eu vi apenas uma arma longa, uma escopeta calibre 12., mas não impede que existam mais armas longas na casa – Descreveu o ambiente de combate o Hermes.**

**– Parabéns mais uma vez Hermes – Eu disse.**

Assim dividimos as funções:

O Cb. Góes e sua equipe ficaram responsáveis por abduzir as sentinelas que estavam debaixo do Cajueiro, pois assim não poderiam avisar a nossa chegada e nem nos atacar durante a invasão.

A equipe do Cb. Adriano ficou responsável pelo “pínote”, ou seja, com a parte de trás da casa, evitando que alguns fugissem pela porta da cozinha.

A minha equipe ficou responsável pela invasão frontal, pela porta da frente.

O Cb. Góes seguiu para a primeira etapa da missão. Saiu de forma silenciosa pelo matagal, até chegar nas sentinelas. Foram alvos fáceis. Rapidamente foram imobilizados e amordaçados para não avisarem aos seus comparsas sobre a nossa presença. O Góes e sua equipe algemaram os dois vagabundos em outra árvore mais afastada. Apreendeu as armas e voltou para nos ajudar na invasão à residência.

Começamos a nossa progressão tática, tomando cada ponto até chegar em frente à casa. Meti o pé na porta. Tinham três elementos na pequena sala. Um deles estava

com uma escopeta calibre 12 na mão, era o Pica Pau, que apontou em nossa direção a escopeta, mas antes de acertar alguém da nossa equipe, ele levou um tiro de fuzil no peito, e lá mesmo ficou. Os outros dois estavam de pistolas, mas, quando o Pica Pau caiu no chão, renderam-se.

O sexto elemento estava na cozinha, era o Pingo. Ele tentou fugir pelos fundos da casa, mas deu de cara com a composição do Cabo Adriano.

**– Polícia! Parado! – Disse o Cabo Adriano.**

O Pingo ignorou a ordem do policial e disparou contra a composição atingindo o patrulheiro do Adriano. Graças a Deus! O tiro acertou apenas o ombro do nosso policial. Revidando a injusta agressão, o Cabo Adriano disparou contra o elemento, acertando o olho esquerdo. Pingo faleceu no local.

Resultado da operação: dois indivíduos mortos em confronto e quatro bandidos presos. Foram apreendidas 9 armas e muita munição. Conduzimos os elementos presos até a delegacia para realização do procedimento.

Quando chegamos lá, os seus advogados já estavam presentes. Eram os dois advogados mais caros da região. Perguntas: Quem acionou os advogados? Quem iria pagar os honorários? Só Deus sabe.

Deixamos uma patrulha no local da ocorrência para esperar a perícia e termos todo o nosso trabalho na estrita legalidade, mas, mesmo assim, sabíamos que teríamos dor de cabeça. Enfim, a vida de polícia é assim mesmo.

Infelizmente o Gordo nunca foi preso e ninguém,

nenhuma autoridade visitou a família da Tia Carmelita, apenas os policiais do nosso Batalhão que todo mês fazem uma “vaquinha” para ajudar.





# CAPÍTULO 9

## LINO PERNA FINA E A MULHER SEM ROSTO

Fiz muitos amigos na Polícia. Um dos mais marcantes foi o Sargento Lino - uma pessoa maravilhosa. Nossa amizade não ficou apenas no trabalho. Estendemos para o nosso ciclo familiar.

Ele é casado com a Dona Jane, que tem um coração gigantesco. Eles vivem para fazer o bem às pessoas. Juntos são responsáveis pela Casa Paroquial de sua comunidade. Ajudam na evangelização no Distrito onde moram: encontros de Casais, cursos de noivos, primeira comunhão, batismos, novenas, missas, etc. São bem religiosos e solidários.

Além do trabalho religioso, eles trabalham o lado social da comunidade. Eles têm um projeto social e lideram uma Associação local. Lembro que um dia o Prefeito resolveu mudar o lixão da cidade para o Distrito onde eles são líderes. Foi a pior coisa que esse prefeito fez na sua vida. O Lino e a Jane levaram toda a comunidade para frente da prefeitura. Fizeram um barulho tão grande que o prefeito desistiu da mudança do Lixão, deixou em frente a sua empresa mesmo.

Trabalhamos em vários locais juntos. O Lino é bem

mais antigo que eu, e sempre que trabalhávamos juntos, ele ficava na função de Comandante de fração. Eu gostava muito de trabalhar com ele, pois temos o mesmo perfil: não gostamos nem um pouco de bandidos. Fizemos muitas prisões importantes juntos, por exemplo, assaltantes, estupradores, traficantes foram pegos pelas nossas mãos. Um desses traficantes ofereceu um prêmio de 40 mil reais para nos matar. Resultado: prendemos ele de novo, cometendo o crime de tráfico.

Ficamos muito amigos de verdade. Eu frequentava a casa dele e ele a minha. Esse apelido Lino perna fina foi a minha filha Sophia quem inventou. Ela olhou para ele e disse

**— Papai, o Lino tem uma barriga bem “gandona”, mas tem as pernas finas. Eu vou chamar ele de Lino perna fina. — Disse Sophia.**

A D. Jane quase morreu de rir... e eu também. Até hoje a Sophia chama-o de Lino perna fina.

Nessa mesma visita, o Lino me convidou para trabalhar no Batalhão que ele estava. Eu iria comandar uma composição e ele outra, mas os Distritos seriam diferentes. Assim, dividiríamos o combustível para ir trabalhar. Aceitei na hora.

O Lino era muito corajoso, falo porque trabalhei com ele, e passamos muitas situações de perigo juntos. Ele nunca fraquejou, mas falou em fantasma... o homem se borrava de medo.

Fomos em uma ocorrência em que o traficante estava ameaçando atear fogo no corpo de um traficante rival

em que ele mesmo havia matado. A família ficou com medo e acionou a Polícia, para que protegesse no Instituto Médico Legal (IML) o corpo do parente assassinado, assim esperariam o corpo ser liberado.

A Central mandou a ocorrência para a nossa viatura.

**– Atenção, Sargento Lino, vá até ao IML. Há uma ameaça de invasão ao prédio do IML. Fiquem lá até o corpo de Zeca Urubu ser liberado.**

**– Puta que Pariu! Eu odeio esse lugar – Disse o Lino morrendo de medo de ver algum fantasma por lá.**

Chegamos ao IML e fomos falar com a família do Zeca Urubu. Eles estavam na recepção. Eu perguntei:

**– Cadê o Corpo?**

**– Ainda está no necrotério. Estamos com medo do Formigão vir atear fogo no corpo do meu filho aqui dentro – Disse o Pai do Zeca Urubu.**

**– Lino, é melhor a gente ficar perto desse corpo. Se essas pragas entram lá por trás e ateiem fogo nesse corpo, vão transferir a gente para a cidade mais longe que você imaginar.**

**– Puta que pariu! É o jeito. Eu odeio esse lugar. Estou todo arrepiado – Disse o Lino apavorado.**

No IML, trabalhava um zelador chamado Jonas. Ele era bem esquisito. Ele não era muito amigo de limpeza. Para vocês terem uma pequena noção, ele lanchava sem lavar as mãos, após ajudar a limpar os corpos.

Seu Jonas tinha uma mania de cochilar nas pedras onde os peritos faziam as autópsias. Neste dia, por coin-

cidência, ele deitou ao lado do corpo do Zeca Urubu e pegou no sono profundo.

O Lino e eu entramos no necrotério. Tinham cinco corpos, dentre eles, estava o corpo do Zeca Urubu. Do lado dele, estava o seu Jonas, tirando o seu cochilo, mas para a gente era mais um morto.

– **Mendonça, será que vão demorar para liberar o corpo? – Perguntou o Lino.**

– **Macho, eu acho que vai demorar. Nem abriram o corpo dele ainda. Olha aí – Eu respondi.**

– **Putá que Pariu! É mesmo, macho. Vamos passar o resto da madrugada aqui. Estou ficando com medo – Resmungou o Lino.**

Quando o Lino disse estar com medo. O seu Jonas acordou. Ele pensava ser o seu supervisor que havia pegado-o dormindo durante o serviço novamente. Seu Jonas se levantou de uma vez, pegou no braço do Lino e disse bem alto:

– **Eu não estou dormindo, estava apenas descansando as costas.**

– **Ai meu Deus! O morto acordou!! Disse o Lino antes de correr.**

Neste momento, parte da família do Zeca Urubu ia entrando na sala. O Lino fardado passou no meio deles correndo e gritando:

– **Corram, o morto acordou.**

Eles viram um policial fardado correndo com medo. Não pensaram duas vezes e correram também. A mãe do Zeca Urubu estava de salto, engançou o salto em buraco

---

e caiu no chão, derrubando mais duas velhas. Foi uma gritaria tão grande dentro desse IML que acordou até o Diretor. Claro que eu corri também.

Até o seu Jonas sem saber o que estava acontecendo, correu também. Por coincidência, ele correu para o mesmo lado que o Lino foi. O Lino olhou para trás e viu o “morto” correndo atrás dele, o soldado desmaiou.

O Lino desmaiado; as três velhas caídas no chão; e as outras pessoas correndo em busca da saída de emergência. Foi uma confusão!

Quando percebi que o Jonas não era um morto-vivo, tive uma crise de risos. Eu não conseguia olhar para o Lino, eu começava a rir sem parar. As velhas deitadas no chão pedindo ajuda, mas eu não tinha forças para ajudar de tanto rir.

Resumindo: O coitado do seu Jonas foi transferido para outro prédio; uma das velhas quebrou a perna, e o Lino ficou morrendo de vergonha por desmaiar por causa de um senhorzinho inofensivo e preguiçoso.

O Lino me proibiu de contar isso para qualquer pessoa do nosso Batalhão, mas não sei como, os policiais descobriram. Até hoje brincam com ele por causa do episódio no IML.

Anos depois fomos trabalhar no interior. Na mesma escala e mesmo dia de serviço, mas em distritos diferentes, porém localidades vizinhas.

Era uma área com histórico de assaltos a bancos, por isso sempre que possível, juntávamos as nossas viaturas para fazermos blitz e incursões pelas estradas carroçá-

veis da nossa região. Sempre pegávamos armas e drogas nessas operações conjuntas.

Certo dia, roubaram um Banco no Distrito em que o Lino trabalhava. Estávamos de folga, mas entraríamos de serviço no dia seguinte ao roubo. Assumimos nossas viaturas e fizemos várias incursões no distrito, na tentativa de capturar os assaltantes de banco.

Depois montamos uma barreira policial na saída do distrito, tentando capturar alguém do bando. Passamos o dia todo trabalhando, mas não conseguimos pegar nenhum acusado.

Anoiteceu e propus ao Lino:

**– Lino, vamos fazer uma pausa para jantarmos? Eu vou comer alguma coisa no meu Distrito, depois eu volto. A gente passa a noite procurando esses marginais nessas estradas. O que você acha?**

**– Ótima ideia, Mendonça. Vamos comer alguma coisa, por volta das 20h a gente se encontra aqui de novo – Disse o Lino.**

A minha composição era formada, além de mim, Cb. Alana e o Soldado Alberto. O Alberto era gente boa demais, mas bem calado, um cara bem tranquilo. Já a Alana falava pelos cotovelos e ria de tudo. Se você espirrasse perto dela, ela começava a rir sem parar. Era bem legal trabalhar com eles.

**– Sargento, ainda bem que o senhor pensou no jantar. Eu estou morrendo de fome – Disse a Alana e disparou a rir.**

**– Hahahahahaha.**

---

– **É verdade, Alana – Disse Alberto.**

Jantamos e pouco tempo depois voltamos para a nossa missão. Liguei para o Lino e disse estarmos voltando para o ponto de encontro, mas nós iríamos por um caminho diferente.

Resolvemos ir pela Estrada da Raposa. Uma estrada carroçável com muitas ocorrências de roubos de carros e homicídios. Era um local bem isolado, com pouquíssimas casas. Era bem esquisito.

Estávamos em marcha lenta, atentos a situações estranhas. De repente entramos em uma curva bem acentuada. Estava bem escuro, apenas o farol da viatura iluminava a estrada. Olhei para minha direita e vi uma casinha bem antiga. Quando chegamos exatamente em frente, eu vi uma mulher no alpendre dessa casa. Era uma senhora alta, de cabelos longos e de vestido vermelho, mas havia algo bem estranho: ela não tinha rosto. Eu pisquei os olhos algumas vezes, tentando enxergar melhor, mas a mulher continuava sem rosto.

Olhei para o meu lado esquerdo, onde estava o meu motorista, o Soldado Alberto. Ele estava com olhos arregalados e perguntou:

– **Sargento, o senhor viu?**

Eu respondi assustado:

– **Macho, você viu o quê?**

– **Sargento, eu vi uma mulher bem esquisita. Ela estava de vestido vermelho, mas com o rosto embaçado.**

Nessa hora eu fiquei todo arrepiado. Pedi para o

Alberto retornar. Eu precisava verificar aquela situação mais de perto.

A Alana rindo disse:

**– Hahahahahaha. Vocês estão ficando doidos. Eu não vi nada – e continuou rindo.**

O Alberto fez o retorno e estacionou em frente à casinha velha. A mulher não estava mais no alpendre. As portas e janelas estavam fechadas. A casa estaria aparentemente abandonada. Estava muito escuro, pois não havia energia elétrica há quilômetros dali. Demos a volta por toda a casa e não tinha nada. A Alana observava o Alberto e eu procurando a mulher sem rosto. Ela não parava de rir.

**– Hahahahahaha.**

Eu fiquei bem assustado. Tenho certeza que o Alberto também ficou. Resolvemos seguir o nosso caminho e encontrar o Lino, que já estava nos esperando no local marcado.

**– Ei, Mendonça, vocês demoraram demais. Já estou com fome de novo – reclamou o Lino.**

**– Cara, eu não te conto o que aconteceu com a gente – Respondi.**

**– Hahahahahaha. Sargento Lino, o Sargento Mendonça e o Alberto estão ficando doidos. Eles disseram que viram uma mulher fantasma. – Disse a Alana morrendo de rir.**

O Lino pensou estarmos brincando por causa do acontecido no IML, onde ele desmaiou por causa do homem que estava dormindo na pedra do necrotério.



– Vocês pensam que eu sou otário? Não caio nessa. Vocês pensam que eu tenho medo? Aquilo que aconteceu no IML, foi uma queda de pressão. Não fiquei com medo. – Justificou o Lino.

– Lino, dessa vez, foi sério. Eu vi uma mulher sem rosto em uma casinha lá na estrada da Raposa – Eu disse.

– Mendonça, você quer me pregar uma peça, eu não caio nessa. Então vamos lá agora? – Propôs o Lino tentando limpar sua honra.

Eu respondi:

– **Eu nunca mais passarei naquela estrada.**

O Lino se empolgou. Quis mostrar que não era medroso.

A Alana deu corda:

– **Vamos, Sargento Mendonça. Está com medo? Hahahahahaha.**

Fiquei puto e resolvi aceitar o convite.

– **Pois vamos. Espero que você veja a mulher e desmaie novamente.**

– **Eu já falei que aquilo no IML foi uma queda de pressão – Disse o Lino.**

Juntamos as duas equipes e fomos até a tal casinha de onde vimos a mulher sem rosto.

Fomos à frente, porque o Lino não sabia o local exato.

Quando estávamos chegando a casa, eu falei para o Alberto:

– **Alberto, não para em frente à casa. Pare antes.**

**– Graças a Deus! o senhor falou isso Sargento. Estou morrendo de medo de ver aquela a mulher novamente – Aliviado disse o Alberto.**

Desci da viatura e falei para o Lino:

**– Lino, essa é a casa. Tenebrosa, né?**

**– Não achei. Cadê essa mulher? Não vi nada demais nessa casa – Cheio de coragem, falou o Lino.**

Ele viu naquela situação uma ótima oportunidade de mostrar que foi realmente uma queda de pressão na ocorrência no IML.

**– Vamos dar uma volta por trás da casa. Pode deixar que eu vou à frente – Disse o corajoso Lino.**

**Enquanto isso a Alana ria sem parar.**

**– Hahahahahaha.**

Fizemos uma fila indiana com o Lino na ponta. Ele estava realmente disposto. Estava mais tranquilo, pois a mulher não havia aparecido, resolvi entrar na fila. Fui logo atrás do Lino.

Começamos a caminhar pela lateral da casa quando, de repente, o pneu saiu do nada e acertou o peito do Lino. Ele no reflexo disse:

**– Deixa de brincadeira, Mendonça. Eu sei que foi você, querendo me assustar.**

Mas, quando ele olhou para trás, que me viu de trás e não tinha como eu ter jogado aquele pneu no peito dele...

Ele olhou para trás novamente e viu que todos os outros policiais estavam atrás dele. Disparou:

**– Ei, Cara, o que foi isso? Quem jogou esse pneu em mim?**

---

A coragem foi embora. Ele voltou rápido para frente da casa, mais precisamente para o alpendre da velha casinha. Exatamente de onde tínhamos avistado a mulher sem rosto.

Enquanto isso, a Alana ria.

— **Hahahahaha.**

Fizemos um círculo e começamos a questionar de onde tinha aparecido aquele pneu. Quando ouvimos um choro vindo de dentro da casa. Neste momento, a Alana parou de rir e perguntou:

— **O Senhor está ouvindo isso, sargento?**

— **Estou, infelizmente, Alana — Respondi.**

A coragem do Lino havia desaparecido. Naquele momento, ele tremia mais que Toyota velha em ponto morto.

Era um choro assustador. Eu nunca tinha ouvido algo parecido. Resolvi então quebrar a janela para conferir se realmente não tinha ninguém na casa precisando de ajuda. Mas, quando bati na janela e ela abriu, o choro parou, e uma ventania forte começou.

Com a janela aberta, vimos uma fotografia na parede. Nessa fotografia, tinha uma mulher com o mesmo vestido vermelho. Quando eu olhei para trás, não tinha mais nenhum policial comigo, todos haviam corrido, até a Alana, que antes estava rindo.

Não pensei duas vezes, corri para a viatura também. O choro recomeçou e saímos bem rápido de frente da casa.

— **Vamos! Vamos! Sai daqui rápido, Alberto. —**

## **Eu disse.**

Ele acelerou e saímos do local. Pouco mais de 100 metros adiante, vi um senhor puxando um jumento pelas rédeas. Paramos as viaturas ao lado desse senhor. O Lino estava branco e não deu uma palavra.

Eu desci da viatura para falar com o senhor que puxava o burro.

– **O Senhor conhece a mulher que mora naquela casa?**

– **Naquela casinha? – Perguntou o senhorzinho.**  
Respondi:

– **Sim. Naquela casinha mesmo.**

– **Seu policial, há muito tempo que ninguém mora naquela casa. Quem morava lá, era a minha irmã, mas ela faleceu há três anos. Dizem que o fantasma dela está assombrando a casinha. Eu não acredito, mas há algo muito estranho, nenhum animal quer passar em frente a casinha dela, por isso estou puxando esse burro faz tempo, e ele não sai do canto.**

Levamos o senhor até a casa e mostramos a fotografia que estava na sala da casa.

– **Olha! É a minha irmãzinha. Oh saudades!**

Nesse momento escutei um barulho alto. Pensei ser o fantasma, mas era o Lino que tinha desmaiado de novo.

A Alana voltou a rir:

– **Hahahahaha.**

Definitivamente, diligências com fantasmas e Lino não serão as melhores que poderíamos fazer, mas sempre as mais pitorescas.

